O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 25 DE MAIO DE 1889 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:796

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—No parlamento.—Valores entendidos.—Sobre a aposentação dos parochos.—Fechem isso!—Contribuição de registo.—Bombeiros voluntarios de Coimbra. Noticiario.—Sobre a aposentação dos parochos.—Carta de Lisboa. —Carta de Fozcoa.—Secção parlamentar.—Secção litteraria.—Parte official.—Folhetim: O marquez de Letoriére.—Correio de Lisboa.—Carta do Porto.—Movimento maritimo.

AVEIRO

NO PARLAMENTO

O desfecho da arruaça de domingo verificou-se nas duas casas do parlamento. O thema do orador, que determinou a policia a intervir para dissolver o comicio da Torrinha, foi glosado pelo chefe putativo do porto-franco, que na camara dos dignos pares reeditou os ataques ás instituições, que despertaram ao ar livre os applausos da arraia miuda. O sr. Vaz Preto fez-se eco do cidadão Eduardo Maia, e os democratas, que lançaram os barretes frigios aos pés dos próceres, encontraram n'aquella camara quem apoiasse as suas tentativas contra a ordem e contra a liberdade.

O que tinha obrigado a policia a dissolver o *meeting* fora o discurso estapafurdio e atrabiliario do sr. Eduardo Maia. Fallou este orador contra as instituições vigentes, convidando o auditorio a substituil-as pela republica. E como isto era uma offensa á lei, o commissario dissolveu a reunião. Os exaltados pela prégação do candilho republicano, deram morras á policia e apedrejaram-na. A força publica assim desacatada desembainhou os sabres, defendeu-se e agredin os que lhe faziam frente. Houve ferimentos e prisões. E os que concorreram á reunião dispersaram, e os capturados tiveram de affiançar-se.

Conforme a opposição das duas camaras tudo isto se deve ao governo. Allegou ella, que fôra allicia.a gente para provocar desordem e dar ensejo para intervir a auctoridade. Foi então esta quem encommendou o discurso incendiario do cidadão Eduardo Maia. Estava feita com elle para que houvesse chinfrim. O que admira é que os argus da democracia não se opposessem a que elle uzasse da palavra. Se o tivessem feito, lá se ia por agua abaixo o plano dos agentes ministeriaes.

Isto é digno de figurar na chronica, a par da argucia do illustre chefe da esquerda dynastica. Elle votou contra a moção, que apoiava a manutenção da ordem, não por lhe preferir a anarquia, mas por entender que lhe era preferivel garantir a liberdade de reunião.

Nós sentimos discordar das opiniões do talentoso parlamentar. Não ha liberdade sem ordem, nem ha direitos sem liberdade. Ora desde o momento que os oradores do comicio prégavam a anarchia, atacando clara e manifestamente as disposições do pacto fundamental, a repressão era uma necessidade reconhecida. Houve-a, tornando-a indispensavel aquelles mesmos que mais se deviam esforçar em respeitar a constituição, que lhes garantia o livre exercicio dos seus direitos politicos.

E ahi está como os factos deitaram por terra a cantata ensaiada nas duas camaras pela opposição, que se diz monarchica, mas que faz côro com os republicanos, que foram para o comicio vociferar contra a monarchia. E é certo que regeneradores e porto-franco, propugnaram em côrtes a favor das demasias de linguagem, com que os demagogos affrontaram publicamente as instituições.

*

O sr. Vaz Preto, como o sr. Lopo Vaz, parecia postado a contrariar a verdade historica. Se havia combinação para escangalhar o *meeting*, era facil malogral-a. Bastava que a meza directora obstasse aos desmandos dos oradores. Mas como não o fez, e a procederem as tricas parlamentares da opposição, segue-se que os republicanos estavam combinados com os agentes ministeriaes, para que as cousas se passassem tal e qual a chronica as registou. Agrada-lhes a conclusão?

*

O sr. Barjona ao votar contra a moção apresentada pelo sr. Henrique de Macedo, não lhe occorreu de certo o que se passou na Avenida, quando em 1885 s. ex.ª era ministro, e mandou acutilar o povo inerme, que não tinha assistido ao banquete com que os republicanos, preferindo a meza de Lucullo ao caldo negro de Sparta, festejavam um successo de familia. E todavia s. ex.ª interpellado no dia seguinte, respondia no parlamento, que ainda não sabia o que se havia passado, e por tanto não podia responder ás perguntas que lhe dirigia a opposição d'esse tempo.

Por amor á coherencia, o sr. Barjona foi votando contra a manutenção da ordem, pretextando não ter confiança no governo. Melhor teria andado se harmonisasse o seu procedimento de hoje com o de ha quatro annos. Mostraria assim que amava mais a liberdade que as conveniencias politicas do momento. E no homem publico, que se diz chefe de partido, a coherencia é indispensavel, provando assim a sua dedicação aos principios.

*

Com sentimento confessamos, que uma parte dos discursos proferidos na camara alta foram incorrectos, e se tivessem sido pronunciados no comicio, dariam motivo para reclamações e intervenção da auctoridade publica. E' muito para estranhar que as demasias de linguagem sejam transportadas para a assemblea dos notaveis, que devia exemplicar, além da continencia de costumes e seu respeito pelas publicas liberdades.

E o que se disse no consistorio dos grandes do reino não edifica, nem convem mencionar, por honra das instituições.

Aqui o declaramos muito á puridade, sem receio de contadictas.

VALORES ENTENDIDOS

Sempre succedem cousas por esse mundo, que nos fariam pasmar, se houvesse já alguma que produzisse em nós esse resultado.

Os republicanos combatem a monarchia. Estão no seu direito. Reunem-se em comicio, e a esta publica manifestação presidem funcionarios militares e civis, que prestram juramento á constituição, o que chamos extraordinario. Nas suas fchas periodicas, redigidas tambem por funccionarios civis e militares, atacase a monarchia, chamando-se o povo á rebelião.

Não nos parece isso muito orthodoxo, e já o dissemos claramente, para que ao menos houvesse mis decencia. Por que ao verem isto as lasses inferiores, deixam-se ir no penor natural, e ao desrespeito pela lei, sccede o desprezo pelos encarregados d sua execução.

Isto é obvio, e não cessaremos de o dizer, para que os poderes publicos se compenetrem do seus deveres, e venha um correctivo que ponha cobro a taes desmandos. No é bonito nem decente que os que srvem a monarchia, a atraiçoem e ondemnem publicamente. E se teem bmbridade, sigam o seu caminho, mas deixem-se de juramentos mentirosos mesmo porque a monarchia dispensa bem os serviços dos que se encostama ella para a combater com as suas poprias armas.

Isto dizemos co os olhos fitos em França, que deve er insuspeita para a democracia portuueza. Lá quem se manifesta contra a epublica, é expulso dos logares retribuidos pelo estado, e basta que combat contra o governo, para lhe tirarem a ollocação, e até para se redigir uma lei, ue o prive dos seus direitos politicos, omo succedeu com o general Boulangr, que teve de exilar-se para não seencerrado em Vincennes, ou no More Valeriano.

Ora se isto se az em França com os que se dizem rpublicanos, porque ha de haver tamnha tolerancia em Portugal com os nimigos jurados da constituição? Se as suas aptidões os collocaram em logres publicos, sigam muito embora asuas opiniões politicas, mas não atmtem publicamente contra a liberdad legal. Que de o fazerem impunemete até aqui tem resultado a anarch que se alastra no paiz. O crescimato do partido republicano entre nó provém exclusivamente da demiada tolerancia dos nossos governos Que se não fora ella, quando muito estiriam os embriões d'aquella lépra, que é o peor inimigo da sociedade e d familia.

O comicio ddomingo dizia-se que era para protear contra a marcha governativa. Prtestar o partido republicano em reuão publica, queria dizer, que consciolos seus direitos politicos, pretendia pezar na balança a favor de uma as parcialidades monarchicas, porqe elle, propriamente nada lucrava om a queda ou com a conservação dequalquer d'ellas.

Que os republicanos evangelisassem as suas doutrinas, que as expozessem em publio, e se apresentassem como apostolos servorosos e dedicados, já era um actole tolerancia do partido liberal monrchico. Mas que não contentes com isso injuriassem as instituições vigentes, ousadia foi essa que se tornou merecedora do mais severo correctivo. Poque desde que se consentirem taes manifestações, não se devem estranhr os desmandos de fraze e a subsequente anarchia dos espiritos.

E se os republicanos, accezos em santa indignação, se reuniam para protestarem contra os actos do governo, com o pretexto de serem avessos aos preceitos da moralidade e da lei, não teriam andado mais convenientemente para os seus intuitos politicos, deixando-os correr sem protesto, para que o governo não emendasse a mão, e fosse de mal a peor a cousa publica? Com isso não ganharia a causa republicana em Portugal?

Logo, o comicio de domingo foi obra de conluio com a regeneração, que protegeu depois os arruaceiros no parlamento. E provada a connivencia, ahi temos nós confirmados os boatos que corriam sobre serem regeneradores e republicanos valores entendidos.

SOBRE A APOSENTAÇAO DOS PAROCHOS

Sob a epigraphe, que precede estas linhas, publicamos hoje, em outro logar d'esta folha, um artigo respeitante á importante classe parochial.

Queixa-se do projecto e com sobeja razão um dos mais illustrados e mais dignos parochos do bispado.

Não iremos além da verdade dizendo, que o projecto não satisfaz e que para ser acceite precisa ser sensivelmente modificado. Esperamos que o seja, e depois applaudiremos as camaras ou o governo que realisar uma medida de tanto alcance e de tanta justiça. O clero parochial—áparte a má vontade dos seus inimigos, que é na sua totalidade o elemento republicano—ha de conseguir aquillo a que tem incontestavel direito, porque ao seu lado está a grande maioria da nação, está a razão e a justiça; e está tambem a imprensa catholica, em cujas fileiras temos o logar que nos compete.

A questão do clero parochial é uma questão nacional e por consequencia uma questão nossa, pela qual combateremos sempre.

FECHEM ISSO!

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

«Se podesse surgir do tumulo aquelle que foi para o partido regenerador um chefe glorioso, aquelle que deixou tradicções fidalgas tão depressa esquecidas e desprezadas pelos seus herdeiros politicos—e se, no momento actual, percorresse o paiz desde Monção até ao Cabo de Santa Maria, recolheria um voto unanime, sincero, desapaixonado, que anda em todas as consciencias e traduz todas as opiniões. Fontes Pereira de Mello iria então, como fez em outro tempo, dar testemunho honrado d'esse parecer geral ao parlamento. Alli, onde se enquadrava tão bem a sua nobre figura, erecta e firme, d'uma linha tão altiva e tão digna, o homem que ficou na primeira plana dos estadistas portuguezes, pediria, para bem do paiz e para conservação do prestigio das instituições que elle honrou, que se fechassem quanto antes aquellas portas á garrulisse impeditiva e ao tresloucamento dos ambiciosos desalmados do seu partido. Elle seria o primeiro a aconselhar o governo para que sem transigencias, que seriam desmoralisadoras, sem hesitações, que não seriam desculpaveis, satisfizesse a vontade manifesta do paiz, correspondendo com uma acção firme e energica á confiança que continua a merecer.

Vem perto o encerramento da sessão. Poucos dias faltam para a terminação do periodo ordinario da presente legislatura. Seria necessario uma prorogação para conservar aberta uma camara, onde uma opposição desatinada se atravessa em todos os debates com o tumulto ou com a parolisse interminavel. Esta situação ou se ha-de vencer arrostando com a desordem, ou se ha-de soffrer com uma tolerancia deprimente. Em ambos os casos o desprestigio recae sobre esse parlamentarismo, que não pensamos em substituir, mas que vae dia a dia accentuando os seus viciosos defeitos. Um unico recurso, pois, se impõe: *feche-se isso!*

O governo atravessa precisamente agora um periodo de força excepcional. Todos os elementos que lhe asseguram a vida estão contraprovados por uma confiança indiscutivel. A's tentativas desordeiras e desesperadas d'um partido, que era numeroso e forte, que teve largas raizes e dedicadas adhesões por toda a parte, responde a tranquillidade geral do paiz. A's manifestações e aos protestos de duas duzias de negociantes de Villa Nova de Gaya, corresponderam, apenas, os *meetingueiros* da Torrinha, que recolhidos ao governo civil abriram com mais uma nota a biographia que já tinham nos cadastros da policia. Mais nada.

E' unicamente o parecer e o voto de gente d'esta ordem que se trata de contrapor ao paiz inteiro! Ha nada mais ridiculo para os amotinadores? Ha nada mais significativo para o governo? *Feche isso*, como o aconselhava a opinião publica o anno passado—depois d'uma sessão tão longa e tão inutil. Torna a ser esta agora, tambem, a phrase que anda em todas as boccas. *Feche isso—e governe.* Repare, n'um periodo de indispensavel actividade, estas largas ferias malbaratadas na garrolice improficua. S. Bento está servindo apenas para as chochas e chulas banalidades declamatorias do sr. Arroyo. Ora para a exhibição da tyrannia d'este heroe de 152 centimetros—a sala do parlamento é demasiado ampla. Basta o palco do theatro da rua dos Condes.»

Estamos plenamente d'accordo com o nosso collega da capital.

Fechem isso, que da sua conservação resulta apenas uma vergonha mais para o paiz.

CONTRIBUIÇÃO DE REGISTO

Transcrevemos do *Diario da Camara dos srs. deputados* o projecto de lei e respectivo relatorio, apresentado pelo sr. dr. Barbosa de Magalhães, para isentar a camara municipal do concelho de Ovar de pagar direitos de transmissão por um legado deixado por cidadão benemerito ao hospital d'aquella villa:

Senhores.—Pelo § 8.º do artigo 1.º da lei de 14 de dezembro de 1844 as misericordias, hospitaes, casas de expostos, asylos de mendicidade, e os de primeira infancia desvalida, casas de educação gratuita, e todos os outros estabelecimentos de beneficencia, auctorisados pelo governo, eram isentos do pagamento de contribuição de registo por titulo gratuito. E justo era que assim fosse, pois não devia o estado ter quinhão nas esmolas dadas aos desvalidos, que elle proprio tinha obrigação de sustentar.

Manteve essa isenção o n.º 2.º do artigo 3.º da lei de 30 de junho de 1860. Revogou-a, porém, o artigo 1.º, n.º 3.º da lei de 31 de agosto de 1869, declarando sujeitos a contribuição de registo os actos que importam transmissão de propriedade, movel ou immovel, por titulo gratuito, feita áquelles estabelecimentos.

Se com isto se quiz obter maior receita publica, foi um erro economico, porque mais tem então o estado de gastar para manter á sua custa ou subsidiar essas indispensaveis e benemeritas instituições. E estorvando-se assim as manifestações de piedade, contrariam-se os sentimentos e as aspirações mais nobres do coração humano.

Tão mal recebido foi sempre pelo paiz este exagero do rigor fiscal, que desde logo começaram a ser isentos de tão iniquo imposto, por leis especiaes e de excepção, varias doações e legados feitos a institutos de beneficencia e caridade. Ora as leis de excepção têem sempre um caracter odioso, por muito sympathicos que sejam o seu objecto e o seu fim.

Mais justo era, portanto, approvar o projecto de lei n.º 131-F de 1879, cuja iniciativa foi renovada pela proposta n.º 14 F apresentada pelo sr. deputado Joaquim José Alves em sessão de 24 de fevereiro de 1885, e que revogava o n.º 4.º do artigo 1.º da lei de 31 de agosto de 1869. Mas esse projecto nem sequer chegou a ter parecer das commissões de legislação civil e de fazenda, a que foi enviado, ao passo que o n.º 31-G, apresentado na mesma sessão de 1885, pelos srs. deputados visconde das Larangeiras, Pedro de Carvalho, Arthur Hintze Ribeiro e Sousa e Silva, e que isentava de contribuição de registo o legado de 10:000$000 réis insulanos, que D. Margarida de Chaves deixára em seu testamento para a instituição de um albergue nocturno, foi approvado em sessão de 17 de junho e convertido em lei de 23 de julho do mesmo anno. Tambem foi este o ultimo projecto d'esta natureza que logrou approvação, porque o n.º 95-A, apresentado em sessão de 27 de junho de 1888 pelo sr. deputado Laranjo, e sobre que a commissão de fazenda deu o seu parecer que corre impresso sob o n.º 101, foi por esta commissão alterado na parte em que dispensava a instituição do asylo de orphãos menores de Castello de Vide, da contribuição de registo pelo legado de D. Maria José da Rosa Almeida. Além d'este *muitos outros projectos de iniciativa parlamentar*, com identico fim, estão pendentes da vossa apreciação. Citaremos apenas aquelles de que temos noticia:

N.º 120-D, apresentado pelo sr. deputado Cardoso Valente, em sessão de 20 de junho de 1887, renovando a iniciativa do n.º 22-C de 1886, para isentar a camara municipal do concelho de Gaia do pagamento de contribuição de registo pela transmissão de 3:000$000 reis nominaes, em inscripções da divida publica fundada, legados pelo visconde das Devezas com o encargo de distribuir annualmente os juros pelos alumnos da escola publica de Mafamude e Santa Marinha.

N.º 127-A, apresentado pelo sr. deputado Julio de Vilhena em sessão de 22 de junho de 1887, para isentar a misericordia de Vouzella do pagamento da contribuição de registo por titulo gratuito pela transmissão da herança de José Ribeiro Cardoso.

N.º 14-C, apresentado pelo sr. deputado Poças Falcão em sessão de 17 de fevereiro de 1888, para isentar do mesmo imposto a doação e legado de João do Rego Borges, para a creação d'um instituto de caridade na villa da Lagôa.

N.º 14-G, apresentado pelo sr. deputado M. J. Vieira, Feliciano Teixeira, Almeida e Brito, Saut'Anna e Vasconcellos, Bandeira Coelho e Freitas Branco, em sessão de 20 de fevereiro de 1888, para isentar d'esta contribuição as esmolas de 4:250$000 reis, com que as religiosas dos conventos de Santa Clara e da Encarnação acudiram ás precarias circumstancias da misericordia do Funchal.

N.º 14-H, apresentado pelos srs. deputados Baptista de Sousa, conde de Villa Real, Pires Villar e Antonio de Azevedo Castello Branco, em sessão de 21 de fevereiro de 1888, para isentar tambem da contribuição de registo a herança que José Antonio de Azevedo deixou para a fundação de uma escola de instrucção primaria gratuita em Villa Real.

N.º 40-C, apresentado pelos srs. deputados M. J. Vieira, Feliciano Teixeira, Almeida Brito, Sant'Anna e Vasconcellos, Bandeira Coelho e Freitas Branco, em sessão de 20 de abril de 1888, para isentar da mesma contribuição de registo o donativo de 2:250$000 reis com que em 1887 as religiosas dos conventos de Santa Clara e da Encarnação soccorreram o asylo de mendicidade e orphãos do Funchal.

N.º 56-A, apresentado pelo sr. deputado Fernandes Vaz, em sessão de 23 de maio de 1888, para relevar a misericordia de Fornos de Algodres do pagamento da contribuição de registo por titulo gratuito, devida pelo legado de 400$000 reis que lhe deixou em testamento o conselheiro Francisco de Abreu.

N.º 59-L, apresentado pelo sr. deputado Francisco José Machado, em sessão de 2 de junho de 1888, para isentar da mesma contribuição o legado de D. Maria da Piedade Franco de Carvalho, para a fundação de um asylo de infancia desvalida em Peniche.

Todos estes projectos de lei se acham porém comprehendidos no n.º 14-L, apresentado pelos srs. deputados D. José de Saldanha, Vieira de Castro, Abreu Castello Branco, Feliciano Teixeira, José Maria de Andrade e João Augusto de Pina, em sessão de 21 de fevereiro do anno passado, para revogação do n.º 4.º do artigo 1.º da lei de 31 de agosto de 1869, e restabelecimento da disposição contida no n.º 2.º do artigo 3.º da lei de 30 de junho de 1860.

Parece-nos de justiça e de necessidade a approvação d'este projecto, sem que possa prevalecer contra elle a idéa de desfalque nos reditos do thesouro, pois que nem essa consideração é de peso nas actuaes circumstancias financeiras do paiz, attenta a insignificancia relativa d'essa diminuição, nem o estado póde eximir-se a dotar convenientemente os serviços da assistencia e beneficencia publica, quando a iniciativa particular se retráhia e enfraqueça.

Os institutos de piedade e caridade são verdadeiros orgãos do estado, porque as benemeritas funcções que desempenham, e o fim sublime que se propõem realisar na sociedade, constituem um dos mais sagrados e indeclinaveis deveres d'elle. Tributa-se portanto o estado a si proprio, tributando-os, pois que, se taes institutos não houvesse, ou se não fossem sufficientemente dotados, teria o estado de supprir a sua falta substituindo-os ou subsidiando-os.

Mas quando porventura se não queira estabelecer essa isenção geral a pretexto de abusos, que aliás uma boa redacção da lei e uma rigorosa fiscalisação podem bem evitar, ha comtudo instituições cuja benemerencia é tão evidente, e donativos cuja utilidade publica é tão manifesta, que devem ser isentos d'esse onus em beneficio da propria sociedade que lh'o impõe.

Está n'esse caso o legado de 5:000$000 reis nominaes em inscripções, deixados em propriedade por Manuel Soares Capitão, em seu testamento, ao hospital da villa de Ovar.

Destinado exclusivamente ao tratamento de doentes pobres d'este concelho, aquelle estabelecimento está sob a directa e immediata administração da camara municipal, e tem prestado relevantissimos serviços de caridade.

Tem uma dotação propria, constituida por legados, doações, esmolas, e não onera portanto o municipio.

Mas para que assim continue, e as crescentes necessidades da indigencia enferma possam ser satisfeitas sem o recurso ás contribuições municipaes, é preciso que cresçam tambem, na devida proporção, a philantropia e a caridade particulares. Cabe aos poderes publicos a obrigação, e é seu o interesse, de animar e promover essas sympathicas manifestações de beneficencia, em vez de as tributar. Nem ha nada mais odioso, nem mais repugnante que tributar a miseria e a caridade.

Por isso temos a honra de propor á vossa illustrada apreciação o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' isenta a camara municipal do concelho de Ovar do pagamento da contribuição do registo pela transmissão do legado de 5:000$000 reis nominaes em inscripções, deixados em propriedade ao hospital da mesma villa por Manuel Soares Capitão, em seu testamento.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões, 7 de maio de 1889.—*Barbosa de Magalhães, deputado por Ovar.*

Lido na meza foi admittido e enviado á commissão de fazenda.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE COIMBRA

Acaba de fundar-se em Coimbra uma corporação, denominada—Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios. Os serviços que esta benemerita instituição póde prestar serão sem duvida assignalados e relevantissimos, por isso que é composta de rapazes intrépidos e corajosos.

O nobre ministro das obras publicas, reconhecendo justamente os excellentes resultados que se tiram de instituições d'esta natureza, e satisfazendo ao pedido que lhe foi dirigido, acaba de conceder-lhe o subsidio de 350$ reis destinado á compra de material, por quanto a direcção apenas tinha 400$000 reis quando se installou, quantia que se achava depositada no Banco Commercial.

Aquellas verbas, porém, não são sufficientes para que se possa fazer acquisição de tudo quanto se precisa; e para se obter o resultado que se torna indispensavel, espera a direcção que as companhias de seguros, que são as que mais lucram, lhe déem algum subsidio; que as demais corporações de bombeiros das diversas localidades a auxiliarão egualmente, e que a *kermesse* que promove, ha de produzir uma receita avultada.

Esta festa, que se effectuará nos dias 9, 10 e 11 do proximo mez de junho, na pittoresca e aprasivel Quinta de Santa Cruz promette estar esplendorosa e brilhante, havendo illuminação a gaz, e talvez que a luz electrica n'uma das noites; tocando alli differentes bandas marciaes, encontrando-se o local ornamentado com muito gosto, etc.

Tem sido enviadas muitas cartas solicitando prendas ou donativos, e cremos que será extraordinariamente satisfeito pedido tão justo e para um fim tão sympathico.

Com quanto o producto reverta em beneficio do cofre da Associação, é certo que a festa que se prepara será dedicada ás Senhoras de Coimbra, as quaes não deixarão de a tornar, com suas presenças, mais apparatosa e edificante.

Ae prendas e donativos devem ser enviadas á Direcção da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra, até ao fim do corrente mez.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Veio a Luzo, com sua ex.ma familia, o sr. conselheiro Emygdio Navarro, mas com pequena demora.

— Vae ámanhã a Ovar o illustre deputado por aquelle circulo, o sr. dr. Barbosa de Magalhães.

— Ausentou-se do districto por alguns dias o sr. governador civil Espregueira.

— Foi nomeado juiz do tribunal administrativo d'este districto o sr. dr. Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, que era delegado do procurador regio na comarca d'Estarreja, onde se houve com a dignidade propria do seu caracter illustrado e recto. S. ex.ª porém acha-se bastante enfermo, o que sentimos, porque além de magistrado modêlo, o sr. Alexandre de Albuquerque é exemplar chefe de familia.

E' de esperar que a molestia ceda ao tratamento cuidadoso de sua extremosa filha, e que aquelle nosso amigo entre em franca convalescença dentro de poucos dias. Fazemos votos porque as nossas previsões se realisem.

— Partiu hoje para a capital, onde conta demorar-se alguns dias, o nosso amigo o sr. Clemente de Souza Mello, digno vice-presidente da camara municipal d'Albergaria.

— Retirou já para a sua casa da Beira, o sr. visconde d'Almeidinha.

— Sahiu com licença para a sua casa de Silva Escura o nosso intelligente amigo o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, dignissimo agente privativo do ministerio publico junto do tribunal administrativo d'este districto.

Fallecimento.—Falleceu na segunda-feira ultima a filhinha mais nova do nosso presado amigo o sr. João Maria Pereira Campos Junior, illustrado professor de francez na escola agricola de Coimbra. Nós que, immensamente sentimos a violencia do golpe, que fere o nosso amigo, enviamos-lhe d'aqui, a expressão do nosso profundissimo sentimento, e apresentamos a sua ex.ma esposa os nossos sinceros pezames.

Azylo-Eschola Districtal—São 150 as irmandades e confrarias d'este districto que tem verbas votadas nos seus orçamentos do corrente anno para subsidio do Azylo-Eschola de artes e officios dos menores expostos e abandonados a cargo da Junta Geral. O total d'esses subsidios sobe a 200$000 reis.

Muitas juntas de parochia e camaras municipaes subsidiaram tambem aquelle utilissimo estabelecimento.

Só a camara municipal do concelho de Estarreja votou para esse fim a quantia de 50$000 reis.

Representações.—A Commissão Executiva da Junta Geral d'este districto, sempre sollicita em promover todos os melhoramentos districtaes, vae dirigir á camara dos srs. deputados duas representações:

Uma, pedindo que a estrada districtal n.º 70, de Albergaria á Palhaça, (antiga n.º 31-C), deixe de ter como ponto forçado a povoação do Pinheiro, e se dirija directamente de Alquerubim á Fontinha, onde deverá ser a segunda ponte sobre o Vouga.

— Outra, pedindo a classificação como districtal da parte da antiga estrada municipal de Estarreja a Vouga comprehendida entre S. João de Loure e Vouga, visto que o resto da mesma estrada de Estarreja a S. João de Loure já tambem faz hoje parte da estrada districtal n.º 62.

Contas.—Em sessão de 21 do corrente o Tribunal de Contas approvou as contas prestadas pela Commissão Executiva da Junta Geral d'este districto, da sua gerencia do anno de 1887, sendo relator do respectivo processo o sr. dr. Correia Barata.

Viação municipal.—Está aberto o inquerito para a classificação d'uma nova estrada municipal de Sarrazolla ao Marco de S. Bernardo. Parece-nos de conveniencia que essa estrada se prolongue do Marco até á Gandara da Oliveirinha, a entroncar na estrada districtal de Aveiro a Avelãs de Caminho, e n'esse sentido cremos que já ha representações dos povos.

Consulta.—Pergunta-nos um nosso illustrado assignante de Fafe se a mulher que casa segunda vez, tendo filhos do primeiro matrimonio, póde continuar a comer o rendimento dos bens d'esses filhos, ou se pelo contrario é obrigada, solidariamente com seu segundo marido, a prestar rigorosas contas d'esses rendimentos. Apesar de não ser este jornal uma revista de jurisprudencia, respondemos que a lei obriga expressamente a mulher que passa a segundas nupcias a dar contas dos rendimentos dos bens dos filhos do primeiro casamento, ainda que seu segundo marido seja muito boa pessoa.

Audiencias geraes.—Como dissémos, foi julgado no dia 22 João Lopes das Neves, da Oliveirinha, accusado pelo ministerio publico de homicidio frustrado. O nosso collega, sr. dr. Barbosa de Magalhães, foi o advogado da defeza. O jury deu por não provado o crime de que o réu era accusado, considerando-o apenas como auctor do crime de ferimentos sem intenção de matar, pelo que foi condemnado a 11 mezes de prisão correccional, em que devem ser descontados os 5 de detenção já soffrida.

— Hontem foi o julgamento de José Ferreira da Fonseca,—o *José d'Ilhavo*,—residente n'esta cidade, sendo accusado de roubo ao nosso amigo e honrado negociante de cereaes, o sr. Joaquim Lopes. O jury deu o crime por não provado, sendo por isso o réu absolvido.

— A audiencia geral d'hoje parece que será adiada.

Récita.—Falla-se na organisação de uma companhia dramatica, constituida por algumas damas da nossa sociedade elegante e por cavalheiros da mais reconhecida competencia, para levar á scena um espectaculo no Theatro Aveirense em a noite de 12 de agosto. Consta-nos que uma das peças escolhidas é trabalho do sr. Eça Leal, digno inspector de fazenda n'este districto, cuja reputação litteraria está feita com producções de valor.

Regata.—A Associação dos Salvadores e Club Flubial d'Aveiro empenha os mais decididos esforços para que a regata de inauguração, que deve realizar-se em 12 d'agosto proximo futuro, seja em tudo digna da Associação, que a promove.

Para a Commissão de distribuição de premios serão convidadas as senhoras d'Aveiro, que decerto não saberão negar-se a um pedido tão sympathico.

Os banhos de Luzo.—Abre ao publico no primeiro de junho proximo este estabelecimento termal, em que se realisáram importantes melhoramentos. O numero actual de banhistas é de 24, sendo todas de marmore a caldeira do vapor, que aquece os banhos, foi collocada fóra do edificio, completamente restaurado; e alguns quartos de banhos foram accrescentados com gabinetes contiguos. A povoação tambem tem recebido muitos melhoramentos, assim como a encantadora estancia do Bussaco, onde se realisa na proxima quinta-feira a *concorrida romaria da Ascenção.*

Festejos.—Em S. Pedro do Sul foi muito festejada a criação do julgado municipal, reunindo-se para isso na villa mais de 5:000 pessoas, que deram vivas ao governo e aos influentes progressistas.

Estado das searas.—E' excellente o estado das searas. Trigos, centeios, cevadas e aveias, tudo está como ha muitos annos se não via.

Batataes.—Estão formosissimos os batataes, tanto os temporãos como os serodios, esperando-se que a colheita do genero seja abundante.

Mercado de pesca.—Chegou ahi ante-hontem, vinda de Lisboa, uma porção de sardinha fresca, que teve prompta venda, alcançando no mercado o preço de 2$400 reis o milheiro.

Das pescas de Cezimbra, está ahi um cahique, que vendeu já pelo preço de 2$000 reis o milheiro.

Das pescas de hontem, e já das costas do nosso littoral, a que veio ao mercado teve o preço de 2$650 reis o milheiro e venda prompta.

Peixe fresco.—Tem apparecido bastante peixe no mercado d'esta cidade. Entre as especies mais abundantes, nota-se uma quantidade relativamente grande de linguado, de bellas dimensões, ovado e muito desenvolvido.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *O Inferno*, de Dante, illustrado por G. Doré, fasciculo n.º 38.

— *A Má lingua*, revista semanal de *Beldemonio*, n.º 1, cujo summario é: A má lingua (profissão de fé); Diario de bordo (apontamentos); Pedro dos Reis (um velho crime).

— *Revista Popular de Conhecimentos Uteis*, periodico semanal illustrado, indispensavel ás familias, aos artistas e aos industriaes, n.º 51 do 2.º anno; á venda em todas as livrarias.

— *Portugal Agricola*, monitor da agricultura pratica, dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias, dirigido por Alfredo Carlos Le Cocq, e redigido e collaborado por distinctos agricultores, agronomos, veterinarios, syvicultores e regentes agricolas. Temos á vista o prospecto d'esta utilissima publicação, que com toda a justiça merece o favor das classes a quem é destinada, pois na verdade o seu valor é incontestatel.

— *O anno christão*, ou exercicios devotos para todos os dias do anno, pelo padre João Croiset, da companhia de Jesus, versão portugueza do padre Francisco Manuel Vaz, antigo missionario da Africa Oriental; tomo 4.º caderneta 62.

A exposição d'arte ornamental em Evora. —Entre os valiosos objectos que alli se exhibem, encontram-se os seguintes: Dois pluviaes do seculo XVI, um bordado a ouro e azul, outro a matiz com applicações de velludo vermelho. Cazula de D. Theothonio de Bragança, rarissima, com adornos em ilhama de prata e ouro do seculo XVI. Um explendido e grande docel que foi da casa capitular dos freires de Aviz, velludo vermelho bordado a matiz finissimo, no melhor estado de conservação.

Pertencentes á sé: um calice de ouro, trabalho admiravel, com mil e oito centas pedras, rubis, brilhantes e saphiras; custodia de prata dourada do seculo XVI e outras joias dos seculos XVI e XVII. Dispostos em vitrines: um quadro de esmalte em cobre, a fugida da Senhora para o Egypto, miniaturas em pergaminho, moedas achadas em Evora, um tinteiro de prata do arcebispo D. Frei Luiz da Silva, pratas lavradas, magnificas peças de primeira ordem do Japão, e vidros dourados. Uma bacia egomil de cobre esmaltado, da casa Silveira. Uma collecção riquissima de leques, pentes, miniaturas em esmalte, tres bengalas antigas pertencentes á mitra, cinco botões com miniaturas, um guarda-joias de ebano com figuras de prata em relevo, um contador de cobre pintado, pertencente á casa Mattos Fernandes, um trajo completo em seda azul, de um deputado de 1834, uma rarissima e enorme colxa de pellica, e uma admiravel collecção de lenços.

Pertencentes á bibliotheca: um grande desenho a lapis, vermelho, copia da transfiguração de Raphael, desenho de Cunha Taborda 1789; o quadro esmalte de Limoges, que se diz ter pertencido a Francisco I da França, achado pelos hespanhoes na batalha de Pavia e vendido a Cenaculo em 1808, e o quadro authentico bysantino em taboa preparada a gesso.

Um rasgo de generosidade.—Conta o seguinte uma folha de La Plata, provincia de Buenos-Ayres:

«Em um dos comboyos da manhã chegaram a La Plata a notavel artista Tubau, acompanhada de seu marido, do ministro de Hespanha e do conhecido banqueiro Luiz Castells. Os visitantes foram almoçar ao café de Pariz, onde occuparam uma das salas reservadas. A sr.ª Tubau e seu marido quizeram que tomasse parte no almoço o velho veterano da arte José Valero, cujo nome é universalmente conhecido e que de algum tempo a esta parte reside em La Plata. Valero, acceitou o convite. Estava-se no final do almoço, quando a conversação recahia sobre o velho actor Valero e sua actual posição pecuniaria. «Não é muito lisongeira para que o digamos.—disse Valero—O peior é que já estou bem velho.» O banqueiro Castells olhou então com certa emoção para Valero e como que impellido por uma subita inspiração, perguntou: «E diga-me, sr. Valero, com quanto julga que poderia ser feliz?» O velho actor reflexionou, e como se não houvesse entendido bem a pergunta, respondeu: «Feliz tenho-o sido sempre, apesar dos meus apuros. Agora mesmo me considero feliz por estar no meio de tão boa companhia.» Não; não é isso o que eu pergunto;—replicou o banqueiro—refiro-me á sua situação pecuniaria. Com que quantia julga que seria feliz na sua velhice? «Oh!—respondeu o velho actor—Feita d'esse modo a pergunta, devo dizer que me consideraria feliz com 10:000 duros.» Apenas Valero pronunciou estas ultimas palavras, o banqueiro Castells pediu tinta e penna a um dos serventes, e tirando do bolso um livrete de cheques, alli mesmo assignou um pelo valor de 10:000 duros (9:000$000) que entregou ao artista, dizendo-lhe: «Aqui tem sr. Valero os 10:000 duros para que seja feliz.» Esta scena, de um bello rasgo de generosidade, foi seguida de outra mais pathetica ainda. O velho Valero, commovido a mais não poder ser, não sabia como agradecer aquella inesperada dadiva; a sr.ª Tubau chegou a desmaiar, e todos os outros convivas, assim como os serventes, choravam. O banqueiro Castells, por um rasgo de generosidade, assegurára a subsistencia de Valero, o decano dos actores dramaticos hespanhoes.

Vinho de laranjas.—Lêmos na *Reforma Agricola* que se obtém um excellente vinho de laranja pelo seguinte processo: Cortam-se em pedaços as laranjas quando estão bem maduras, e espremem-se, em qualquer vaso, através de um coador que não permitta a passagem da semente. Ao liquido que ficar no vaso, junta-se assucar branco na proporção de um kilogramma por cinco litros se as laranjas forem azedas, 500 grammas de assucar se forem doces, e 1 litro e 470 de agua, pouco mais ou menos. Lança-se o liquido, assim preparado, em garrafas que fiquem bem rolhadas, e deixa-se fermentar como se fosse vinho generoso. Este vinho apresenta um sabor muito similhante ao do Rheno.

Boulanger. — Affirma o *Matin* que por mais que digam os amigos do general emigrado a saude d'este encontra-se gravemente compromettida. Parece que Boulanger está ameaçado d'uma enfermidade de prostração completa, resultante da excessiva fadiga corporal que de algum tempo a esta parte impoz a si proprio. Sente fraqueza no coração e teme-se que lhe sobrevenha uma affecção cardiaca. Apesar de tão grave estado,—dizem, o general emprega todos os esforços para vencer a sua fraqueza, e graças a essa energia poude assistir n'estes ultimos dias ás corridas de cavallos e a varios banquetes. No dia 7 do corrente reuniu-se no hotel em que Boulanger habita uma junta de medicos inglezes e foram todos de opinião que o estado do general não é nada tranquilisador. Noticias posteriores affirmam porém o contrario, que o general está de perfeita saude e que o boato de que está doente foi espalhado pelos seus inimigos que se servem de todas as armas para que a sua propaganda não dê resultados tão efficazes, como os que tem dado ultimamente. Com respeito ao processo que se instaurou contra o general, por mais que os seus accusadores procurem, ainda não encontraram cousa alguma que o possa comprometter. Tem-se procedido a muitas buscas, feito centenas de interrogatorios, ouvido o depoimento de muitas testemunhas, mas até hoje, por certo, ainda não se descobriu cousa alguma pela qual se possa condemnar Boulanger na tão almejada pena de desterro.

Extensão das florestas na Europa. — Segundo um relatorio do ministerio da agricultura de França, as florestas da Europa (exceptuando a Turquia, Bulgaria, Bosnia e Herzegovina) occupam uma superficie calculada em 286:989 milhões de hectares, pouco mais de 18 por 100 da superficie total. As ilhas britannicas são as mais pobres em mattas, depois a Dinamarca, e em terceiro lugar Portugal; a nação mais rica em florestas é a Russia, que possue 200:000 milhões de hectares, ou mais de tres hectares por habitante.

O assassino da viuva Roux. — Perfeitamente tranquillo na sua cella, esperando a hora da sua morte, o momento em que a guilhotina lhe ha de decepar, d'um golpe, a cabeça. O presidente da Republica não assigdou ainda a sentença, mas elle espera-a com o sangue frio, com a aresignação d'um martyr. Gomey não perde o appetite, nem a alegria; encara a morte como uma viagem de recreio. Faz todos os dias as suas abluções com um cuidado particular, lê durante duas horas, algumas paginas de qualquer livro, e joga serenamente com os guardas. Tem um grande contentamento quando ganha ou dá capote aos parceiros, e quando, no *écarté*, vira rei muitas vezes. Quando o levam a passear no pequeno pateo contiguo á cella, sente-se tão alegre, que ninguem diria estar alli um grande assassino, a quem, dentro de poucos dias, os homens, em nome da justiça, mandarão cortar a cabeça. Ha poucos dias dizia elle ao esmoler, que o visitava:

— Tinha que ver, se um militar se mostrava pusilamine diante da morte.

Não tem remorsos, nem sonhos inquietos; dorme como um justo.

Effeitos do jogo.—Cerca da 1 hora da noite d'um dos ultimos dias, estavam jogando as cartas, n'uma taberna da rua de Alcalá, Madrid, Angelo Aupetit, de trinta e nove annos de idade, casado, e que exerce a profissão de pintor, e Julião Plaza Diaz, de vinte e seis annos de idade, canteiro. A paginas tantas zangaram-se e dirigiram um ao outro as palavras mais violentamente insultuosas, sahindo immediatamente da taberna e tomando cada um direcção differente. Angelo Aupetit dirigiu-se a sua casa, e pegando n'uma pistola de dois canos, tornou a sahir. Julião Plaza Diaz dirigiu-se para o café de Aragão, onde Angelo tinha entrado afim de tomar café, e levantando uma das cortinas que ha na porta, dirigiu-se a Julião, dizendo-lhe: *Ahi vae isso!* e disparou a pistola, cuja carga se foi alojar nas costas da pobre victima. O ferido cahiu immediatamente banhado em sangue, e pronunciando as seguintes palavras: *Cobarde! Assim não se matam homens!* E deixou de existir. O aggressor fugiu, porém, foi capturado d'ahi a pouco pelo guarda nocturno do sitio, sendo em seguida conduzido ao commissariado de policia onde confessou o crime.

O culto do sol na Prussia.—O culto do sol tem ainda—surprehendam-se! — sectarios na Prussia. Ha poucos dias foram chamados a Schœneberg uns tantos homens da landwehr, afim de se inscreverem nos quadros do exercito e tomar parte nos exercicios. Reuniram-se elles no quartel afim de prestar juramento de fidelidade ao imperador. Quando se lia a formula do juramento que era repetida pelos militares, um sargento preveniu o capitão que um soldado permanecia calado. O capitão chamou o soldado e perguntou-lhe porque não tomava parte na prestação do juramento; o homem respondeu que não acreditando na existencia de Deus, não o podia invocar de nenhuma maneira. O capitão interrogou-o ácerca das suas crenças e o soldado respondeu seria e simplesmente: «Adoro o sol!»

O capitão não insistiu e dispensou o homem do juramento.

SOBRE A APOSENTAÇÃO DOS PAROCHOS

Ha 30 annos, ainda era estudante, já ouvia, que o governo promettia a dotação parochial: e vem agora um ministro da justiça com a maior das injustiças, pôr poeira nos olhos á nossa classe. Eu logo vi que do orçamento do Estado não vinha grande fatia a padres, quando se pretende acabar-lhe com a raça. Póde o sr. Beirão ter muito boas intenções no seu dizer, que deseja beneficiar os parochos, classe que s. ex.ª muito respeita, mas eu é que o não creio, porque s. ex.ª deve saber, que a forma da sua proposta, é uma utopia, um absurdo; é em vez de graciosa, odiosa; em vez de beneficente, repellente; é finalmente um ultraje, um ataque ao direito de propriedade—uma anomalia. Primeiro, porque todos os empregados da nação são aposentados com 30 e menos annos de serviço, sem se lhes levar em conta a edade, e o parocho é preciso ter 75 annos: são mais os que lá não chegam, do que os que antes d'isso fenecem.

«Podem aposentar-se aos 60 annos com 30 de serviço, passando por um exame de sanidade ou junta de 3 medicos, que provem a sua impossibilidade perante o bispo.»

Se o parocho physicamente não póde, claro está que não póde, dá parte ao seu prelado, e escusa de ir á capital da diocese gastar o que não tem, e o que já não póde ganhar, e arranja quem o substitua até que possa ou que morra; e se a molestia, que o impossibilita, por exemplo de fazer jornadas, for em partes verendas, ha de mostrar-se ao sr. bispo?

Diz mais:

«Quando o parocho aos 60 ou 75 annos não requeira a sua aposentação, poderá o prelado dar parte ao governo, e este aposental-o.»

Pois pagando eu os direitos de mercê, não sou senhor do meu beneficio toda a vida? E' o mesmo que esbulharem-me o meu patrimonio; é dar occasião e ensejo de vinganças e de contradanças; é mais um escaninho para a politica. Supponhamos que um parocho é indifferente, ou não convém á politica local, que se não amalga ao deputado do seu circulo; este influe com o governo, o governo officia ao prelado para que lhe officie sobre a necessidade da sua aposentação, e assim se descola aquelle parocho. Até o mesmo prelado, se embirrar com qualquer parocho, se por qualquer motivo ou capricho, ou conveniencia, lhe não convier, dá parte ao governo com verdade ou sem ella, que tal parocho deve ser aposentado; e quando menos o esperar, o parocho é demittido da sua parochialidade a titulo de aposentação com menos de 100$000 reis—se o for de uma freguezia como Villa Nova de Perrinho, Nariz e outras muitas.

Ora supponha-se, que esse parocho, pelo seu genio, pelos seus modos, por as muitas economias que fez, adquiriu uma casa, um quintal, um jardim, aonde passa as suas horas vagas, aonde está acostumado aos seus 30 annos, aonde não é o rendimento official da Egreja que o sustenta, mas as oblatas, a porta travessa dos freguezes, porque lhes faz todas as vontades o mantem, e lhe dão certo commodo, e antes quer essa sua freguezia, porque n'ella já está acostumado, ou por outra qualquer razão, do que outra, se o bispo ou o governo quizer, sob qualquer pretexto aposenta-o com uma ridicularia, e o povo que até alli lhe dava alguma cousa além da congrua, deixa de lh'o dar, porque tem de dar ao que estiver exercendo, porque é esse que o serve e aos seus filhos.

Eu conheço um parocho de 50 annos, que muito tem querido trocar a sua freguezia com a de um thio, que passa de 80 annos, e que apesar dos seus 80, e ser padrinho, não tem querido a permuta por não querer sair do seu ninho; e com a nova lei, como o de 80 annos já não serve para correrias eleitoraes, e o de 50 annos póde servir, de certo agarrado ás influencias locaes, aposentavam o velho, e apresentavam no seu logar o mais novo, e lá se ia a egreja: são n'este caso as taes leis das rolhas.

Um magistrado, o professorado tanto de ensino primario como secundario, tem o seu ordenado certo e sabido, recebendo todos os mezes, e no fim de 20 ou 30 annos, se quer continuar, e não jubilar-se, tem mais um terço do ordenado; e o parocho que chegar aos 60 ou 75 annos, ou não póde continuar, nem sequer vence o rendimento da sua egreja por inteiro, porque se se lhe deduz 5 por cento para a caixa das aposentações; ou se continua na sua ardua tarefa, arraza a sua saude, sem augmento algum do seu rendimento.

Em quasi todas as repartições publicas se vêem a maior parte dos empregados, sem curso completo de disciplinas, sem estudos, sem exames, com bons ordenados, superiores aos parochos, a irem para as repartições ás 10 horas, fumando grosso charuto, saindo ás 3 da tarde, e n'essas 5 horas fazendo o que querem e o que podem, com ferias e feriados, e o parocho passa toda a vida trabalhando a toda a hora do dia e da noite todas as vezes que for preciso, ensinando as creanças, moralisando os velhos, consolando os tristes e os bons, soffrendo os maus, e por fim é aposentado, mas com o quê? Com aquillo em que o governo quizer lotar a sua egreja!

Não é o interesse proprio, que me faz fallar; mas na verdade, não se revela em tudo odio á Egreja!

Se o governo tivesse em vista melhorar a sorte dos parochos, devia fazer passar a sua dotação proporcional, e segundo os annos dos seus serviços, aposental-os então, como acontece nas outras nações, e principalmente na Inglaterra, aonde um padre é um empregado do Estado, com pingue ordenado, e com muito menos trabalho; e entre nós, em Portugal, o que é um parocho? E' um empregado inferior a um cabo de policia, a quem todos mandam: manda-o o bispo; manda-o o governador civil; manda-o o arcipreste; manda-o o juiz de direito; manda-o o delegado, o administrador do concelho, o governador militar, o delegado de saude, a camara municipal, o delegado parochial, a commissão do recenseamento, e até o reles regedor manda o parocho! E não basta que todas estas entidades o façam ir a pé romper solas, ou a cavallo gastar ferraduras, o que tudo lhe custa, á séde do concelho ou comarca; senão mandam-lhe tambem passar certidões e dar respostas a officios, para o que o parocho tem de comprar papel, tinta, pennas e obreias, porque as auctoridades nada d'isto lhe abonam, e não lhe pagam a estalagem, estando fóra da sua casa; e os empregados publicos tem nas repartições tudo ás suas ordens.

Sr. redactor; muito mais longe levaria as minhas considerações, se eu não pertencesse a essa classe, a que me honro de pertencer; mas se v. por ella se interessa, como creio, mais do que o sr. ministro dos negocios ecclesiasticos, peço com todo o empenho, que publica e particularmente se empenhe com os srs. deputados do circulo d'Aveiro e de Coimbra, para que façam ver ao sr. ministro o n.º em que v. se dignar dar publicidade a estas mal redigidas reflexões.

Deixemo-nos de ficções e paliativos. Ou nos paguem ou nos deixem com os dois grãos de milho, mas sem a obrigação de servir o Estado, e toda a ordem de auctoridades publicas. Dáe a Deus o que é de Deus, e a Cezar o que é de Cezar.

Um seu velho assignante.

CARTA DE LISBOA

23 DE MAIO DE 1889.

Hontem na camara dos pares votou-se a moção de confiança ao governo. Para isso teve de se prorogar a sessão até depois das sete horas. A serpia alta procurou expiar os erros da serpia baixa. O proprio sr. Hintze Ribeiro não chegou a destemperar. Esteve relativamente sereno. O plano era meterem o porto-franco na arruaça, pôl-o em evidencia como turbulento, indisciplinado e desordeiro. Do confronto resultaria uma vantagem para elles—serpios. Mostrariam assim que ha ainda peor—*o porto-franco*. O que até aqui tornava impossivel a ascenção dos serpios ao poder, era a sua loucura, provada todos os dias na camara, na imprensa e na rua. Havia lá quem désse por isso, mas havia tambem quem não désse. Parece que ha lá alguma cabeça de juizo, mas ha tambem muitas cabeças ôcas. Estas hão-de prevalecer. Os orates estão lá em grande maioria. Quando n'algum intervallo lucido refreiam os seus impetos, e acham outros mais orates ainda, é por pouco tempo. Não se demoram muito fóra do seu posto. Não soffrerá por muito tempo o sr. Arroyo de ciumes do sr. Manuel Vaz. Isto de metterem agora adeante este digno par, foi só por verem que a questão era má, e só lhes servia para se enterrarem mais. Deram granadeiro por si, e elles ficaram a mostrar que tambem sabiam uma vez ter juizo na sua vida politica. Ha de ser, porém, sol de pouca dura. Já elle a estas horas está todo embrulhado.

— As noticias recebidas ácerca do estado do sr. cardeal patriarcha são mui tranquilisadoras. Sua eminencia vae-se restabelecendo e os receios d'um aggravamento na sua doença são de todo conjurados. Depois da costumada visita dos medicos, estes deram ordem para se fazer um braço de couro e em breve esperam collocar o apparelho definitivo. O decano da faculdade de philosophia e lettras de Salamanca, fez os seus cumprimentos ao illustre e venerando prelado em nome de toda a faculdade. O cabido da Sé Patriarchal de Lisboa reunido em sessão capitular lançou na acta um voto de sentimento pelo desastre succedido ao seu digno prelado. A irmandade do SS. Sacramento da Sé Patriarchal telegraphou a informar-se do estado de saude de sua eminencia. Os parochos do primeiro bairro da capital egualmente telegrapharem a sua eminencia sentindo o lamentavel desastre. A convite do sr. arcebispo de Mytilene reune ámanhã a rélação patriarchal, afim de eleger o membro que ha-de represental-a na deputação do clero que parte d'esta cidade afim de apresentar os seus respeitos a sua eminencia.

— No domingo, era o anniversario natalicio do sr. João Dias Pisão, empregado da alfandega de Lisboa. Como não tinha alli familia, e vivia n'um quarto particular, houve jantar de festa em casa do seu amigo Manoel Martins Miranda, morador na calçada dos Barbadinhos. Para o jantar, feito á custa do Pisão, foram convidados os srs. Manuel Martins, Manuel Ermida, Manuel José, José do Nascimento e José Antonio Dias Lages. O jantar correu na maior animação, havendo agradavel conversação com uma gentilissima filha do dono da casa e uma mocetona, companheira d'um tal José da Rosa, dono de uma taberna do sitio, que appareceu á sobremeza. Depois de jantar, cantou-se e dançou-se. Durante a dança o sr. José do Nascimento, amanuense de uma repartição, *deitou* namoro á filha do dono da casa; ella acceitou-lhe á côrte, e até lhe deu um cravo de... papel; elle, animado pela offerta, quiz adiantar-se, mas, a mãe que não perdia a filha de vista, preveniu o marido, este repreheudeu o atrevidote, que o insultou. Prevenido o sr. Pisão do que se passava, convidou o Nascimento a sahir da casa, o que este fez, mas de má vontade. Uma hora depois, os convidados retiravam-se em companhia do sr. Miranda, que sahiu a comprar tabaco. A' porta encontraram o sr. Nascimento, e o sr. Pisão, imaginando a estada alli d'aquelle seu amigo uma provocação, deu-lhe duas bengaladas. Em resposta a esta aggressão o sr. Nascimento atirou com uma pedra para o grupo, indo ferir gravemente o sr. José Antunes Dias Lopes, que cahiu ao chão ensanguentado. O sr. Nascimento fugiu immediatamente, mas foi agarrado junto da egreja de Santa Engracia pelos srs. Pisão e Miranda, que correram sobre elle. Então estes dois, e julga-se que tambem uns filhos de José da Rosa—companheiro da tal bella mocetona—que alli appareceram, deram-lhe uma valente sova, pisando-o, arrastando-o pela rua, deixando-o emfim em lastimoso estado. Muito ferido, banhado em sangue, o sr. Nascimento conseguiu refugiar-se n'uma loja de barbeiro um pouco abaixo da egreja, onde pediu que o acompanhassem a casa, receiando nova aggressão. A este tempo o sr. José Antunes Dias Lages era soccorrido pelo sr. Manuel Ermida, que o levou para casa do sr. Miranda, onde lhe lavaram o ferimento. O seu estado era, porém, grave e por isso levaram-o em trem para o hospital, onde ficou. Na segunda-feira, ás 4 da manhã, participaram do hospital para a primeira divisão de policia de Lisboa, que tinha entrado alli um homem gravemente ferido—o sr. Lages—declarando o logar onde se dera a aggressão. A policia poz-se em campo; soube quem eram os convidados do tal jantar de domingo e conseguiu, antes das 8 horas, prendel-os e ao sr. Miranda, com excepção do sr. José do Nascimento. Este individuo, não sabendo talvez a gravidade do ferimento que causára ao sr. Lages, apresentou-se horas depois no commissariado a queixar-se da sova que levára, e foi então tambem preso. O estado do sr. José Antunes Dias Lages é desesperado.

— Abre no dia 1 de junho proximo no edificio da escola *Marquez de Pombal*, em Alcantara, a exposição do material para a escola industrial de Faro e muzeu annexo á mesma escola que diz respeito á pesca e navegação. Não se póde imaginar nada mais curioso e interessante do que esse muzeu, que foi organisado debaixo da direcção dos srs. Francisco da Fonseca Benevides, digno inspector da circumscripção do sul das escolas industriaes, e Antonio Baldaque da Silva, distincto engenheiro hydrographo. Entre as muitas curiosidades que o compõem, notámos uma collecção de peixes das nossas costas, pintada pelos srs. Almeida, director da escola, e Vaz, bem conhecido pintor de marinhas; uma collecção completa de armações, redes e mais modos de pesca das nossas aguas; modelos de navios de vela e vapor, etc. Grande parte d'este material, bem como a sua montagem, foi feita nas officinas da casa Motta & C.ª.

— E' no dia 1 de junho que se inaugura a illuminação a gaz da cidade pela nova companhia. N'esse mesmo dia se inaugurará tambem a luz electrica na Avenida, a não ser que a malevolencia de alguem que em um dos ultimos dias cortou os fios conductores, persista em nos privar por mais tempo d'esse bello melhoramento. A companhia prevendo esse caso estabeleceu, dizem-me, uma vigilancia especial para fiscalisar os novos fios conductores que se estão collocando.

— Em um dos ultimos dias, ás 9 *horas da noite, em um botequim da* rua do Principe, entraram para comer o seu petisco, o sapateiro hespanhol Gabriel e sua esposa Catalina. Pouco depois, entravam no botequim o hespanhol Alexandre Beça, typographo e o seu amigo Alyppo, que se sentaram junto da meza fronteira áquella onde se achavam o Gabriel e a cara metade. A's 10 horas, os dois esposos sahiram do botequim, quando a matrona do Gabriel se lembrou de dizer a este que o Alexandre lhe dirigira uma phrase menos amavel. D'ahi uma altercação entre os dois hespanhoes, que deu em resultado levar o Beça uma bofetada do sapateiro que o deixou embaçado. Sahiram então todos, seguindo cada qual o seu caminho, mas o diabo fez com que se encontrassem todos outra vez ás 10 horas e meia, nas escadinhas do Jordão, perto da casa do Gabriel. Alli a Catalina seguron o Alexandre Beça, e o miseravel sapateiro vendo o adversario em estado de não se poder defender, puxou da faca do officio, que trazia comsigo e vibrou no Alexandre uma facada no lado direito do baixo ventre. O faquista e a mulher foram logo presos e a muito custo a policia os livrou das iras do povo, que soube d'aquella aggressão traiçoeira. O aggredido foi conduzido ao hospital e o seu estado é bastante grave.

— Hontem, á noite, foi traiçoeiramente aggredido, com uma navalhada, o policia n.º 41 da 2.ª divisão, fiscando ferido nas costas. Aquelle guarda, acompanhado dos seus collegas n.ºs 129 e 231, andavam na ronda volante. Quando passaram em frente do Arco do Evaristo, na rua do Moinho de Vento, viram alli tres *individuos* de quem desconfiaram, combinando darem-lhe um assalto; dois foram pelo lado da praça da Alegria e um pelo lado da rua do Moinho de Vento. O 41 foi o primeiro que chegou ao local, agarrando logo um dos meliantes e gatuno muito conhecido da policia, o *Pirralhinha*. N'essa occasião o policia foi aggredido nas costas com uma facada, que lhe foi vibrada por Francisco d'Almeida. Foram ambos capturados pelo 41, auxiliado pelos seus collegas, que então já estavam presentes. Um dos tres gatunos, evadiu-se sendo esta manhã capturado no largo do Picadeiro, estando dormindo descançadamente n'um monte de pedras; revistado encontraram-lhe uma navalha de ponta, egual á que foi apanhada no local da occorrencia, um gancho de metal amarello e 4 pequenas cunhas de pau, objectos com que aquelles industriosos roubavam as montras dos estabelecimentos. O gatuno que hoje foi preso chama-se José Joaquim *O Gigante Pequeno*. O policia recebeu curativo no hospital de S. José, seguindo depois para sua casa, onde ficou entregue aos cuidados da familia. Os dois primeiros a caminho para a esquadra, inutillisaram umas cautellas de casas de penhores, mas foram ligadas e são ámanhã remettidas a juizo.

— Foi concedido o fôro de fidalgo cavalleiro ao sr. Antonio Baptista Gonçalves, capitalista residente em Braga, que vem a Lisboa para seguir para o Brazil.

— Foi expulso perpetuamente da Escola do Exercito um alumno pertencente a um dos corpos da guarnição de Lisboa.

— Vão brevemente para Pariz os srs. condes de Valenças.

— Partiu para Boticas João Ferreira, de 21 annos, sahido da Penitenciaria, onde exerceu o officio de carpinteiro. Cumpriu alli sentença por crime de homicidio.

— Vieram para Lisboa tres alumnos da escola de marinheiros do Porto, d'onde foram expulsos. Foram apresentados ao sr. governador civil e pediram-lhe que por não terem parentes que os protegessem, obtivesse que elles assentassem praça na marinha. O sr. governador civil respondeu que não os abandonaria.

— Pela nova tarifa para mercadorias entre Lisboa e Taveiro a Valencia de Alcantara, e entre Coimbra e Porto, os preços são de 5$400 a 14$400 por cada mil kilogrammas, tendo o serviço entre Coimbra e Porto o augmento de 900 réis de sobretaxa.

— O sr. administrador do concelho de Cezimbra chamou a uma policia correccional o editor do jornal *Democracia Portugueza*, por causa de uns artigos que juzou injuriosos para elle. O editor apresentou-se no tribunal e declinou a responsabilidade, declarando os nome dos authores dos artigos, que são essoas alheias áquella redacção.

— Os empregados da alfandega em serviço na estação do caminho de ferro, apprehenderam hontem a dous passageiros varios objectos de ouro. Um dos passageiros não póde pagar a multa, sendo mandado para a policia; o outro pagou 0$000.

— Foram resos 10 trabalhadores da fabrica de ijolo de Espinhaço de Cão, por terem apedrejado um policia que conduzia peso um individuo que damnificára um candieiro da illuminação.

— O drama *Leonor Telles*, de Marcellino Mesquit, que está em ensaios em D. Maria, é lado em primeira recita em principios de junho.

— Em Sous reuniram os 40 maiores contribuintes e resolveram representar ao governo, pedindo a creação da Companhia Vinicola do Centro.

— A companhia dos caminhos de ferro do norte e este vae annular todas as tarifas especiaes de pequena velocidade, substituindo-as por uma nova tarifa que abranja todas aquellas. Consta que essa tarifa, reduzida quanto possivel, interessa favoravelmente o commercio.

Y.

CARTA E FOZCOA

23—5—89.

Desde que tivemos a infelicidade de presenciar o assassinato que horrorisou os habitante de Fozcôa, desde que nos convencêmos que a origem, a causa principal d'esse lamentavel acontecimento foi sem duvida a publicação na imprensa, nos jornaes *Commercio de Portugal* e *Districto da Guarda*, de correspondencias icheadas de diffamação e insultos, o que era auctor o assassino Aguilar, eliberâmos suspender immediatatamente as nossas correspondencias em resposta ao *Jornal de Vizeu*, que até hi eramos obrigados a fazer. Não obstante este jornal continuar ainda hje com os mesmos insultos que repetidamente ha mais de quatro annos tem dirigido aos membros do partido progressista, nós não lhe responderêmos jmais. Esta nossa affirmação cathegoria não indica medo nem receio algum. Mostrámos em tempo que tambem abiamos responder; e se agora não fazemos, não é, sem duvida, por mêo ou falta d'assumpto porque issonunca faltou nas nossas correpondencias. Os insultos dirigidos no *Jornal e Vizeu* aos progressistas nada fem; são balas de recochete que vão tocar na reputação e dignidade dos seus autores. Dito isto, façâmos algumas reflexões a respeito da imprensa e sua liberdade. Houve uma epocha e não muito remota, em que a maior parte das nossas melhores pennas se aparavam quotidianamente para os phantasticos arabescos da litteratura amena. As commoções politiças por que tem passado o paiz, fizeram crêr aos mais temerarios mantenedores do campo da critica, aos suavissimos poetas que se estremavam da geração nova, aos cultores da inauguração, que de tão bellas alfaias ornavam as festivas columnas dos semanarios innocentes, que a patria não poderia ser salva sem o sacrificio consummado de todas as suas faculdades, sem o emprego exclusivo de todos os momentos de sua vida. Dez annos se passavam sobre a ultima escorva queimada nos baluartes da guerra civil, mas o bombardeamento de papel pode-se dizer tão vivo, como era então o fogo das avançadas patrioticas.

Aquelle que nascera para medir versos e esmerilhar rimas, polir a linguagem e enthesourar novas opulencias para o commum patrimonio das letras patrias, contou eleitores, azedou phrases, reterceu o pensamento em caprichos, ou partos de que a propria linguagem fica assombrada, e conseguiu amontoar volumes de escriptura ephemera, sem liquidar no fim de cada anno umas poucas de paginas em que a alma se lhe delicie a percorrel-as. Resultou de tudo isto, que, pela influencia do espirito de imitação, a phalange dos campeadores da imprensa politica, vae engrossando, á proporção que nos arraiaes litterarios, tantas têem sido as deserções. E' que o jornal usurpou ao livro o maior de todos os valores, na phrase ingleza e já hojê cosmopolita; se amanhã o jornal nos absorver o espaço, nada nos deve admirar, porque todos os interesses mais justificados, fizeram do jornal uma das mais caracteristicas feições da civilisação actual.

Eis a situação presente da imprensa portugueza, que tende a caminhar para a desmoralisação dos nossos costumes. Não ha dia que passe que os jornaes de Lisboa e Porto não offendam os ministros e as instituições, as auctoridades e os empregados publicos. A diffamação e o insulto é o ecco actual da imprensa regeneradora. Nada se poupa para se chegar ao alvo que se tem em vista. E se o cidadão que é ministro, que é deputado, que é par, que é militar, que é empregado publico, que é juiz ha-de responder, com a publicação de sua assignatura, pelos seus actos, porque rasão, ha-de o jornalista eximir-se a essa responsabilidade? Exija-se, portanto, ao jornalista a responsabilidade de todos os seus escriptos perante a opinião publica, da qual se diz representante. O verdadeiro jornalista, na accepção nobilissima d'esta palavra, aquelle que desempenha e comprehende bem o augusto sacerdocio da imprensa, decerto não refugirá do cumprimento d'este dever. Ha mais de uma especie de responsabilidades que só a publicação do nome de quem escreve, póde tornar effectivas.

Mas, ou por este ou por outro meio, ou por esta ou por outra forma, o que é precizo é introduzir no regimen da imprensa modificações radicaes que acabem com os abusos que todos os dias se observam, e contra os quaes, dia a dia, hora a hora, se accentua uma corrente energica e forte, que todos sentem, que todos receiam.

E todos se receiam porque os seus effeitos apparecem quotidianamente. Se as redacções do *Districto da Guarda* e *Commercio Portuguez* expulsassem os escriptos insultuosos do seu correspondente, se ellas obrigassem a firmar essas correspondencias com o nome do seu auctor, certamente que hoje não teriamos a lamentar a desgraça, o funesto acontecimento que acaba de ferir mortalmente uma familia inteira. A perda é irreparavel e inconsolavel; acabou-se a vida, a posição, o futuro da familia, o amparo e protecção dos irmãosinhos e todos os cuidados proporcionados, todas as despezas dispendidas, todas as esperanças perdidas.

Correspondente.

SECÇÃO PARLAMENTAR

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 22 de maio

Presidencia do sr. Barros e Sá. Abertura da sessão ás 2 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. presidente deu conhecimento á camara de que tinha recebido a representação do comicio realisado em Gaia contra a Companhia Vinicola do Norte e bem assim a representação e protesto do comicio que se verificou em Lisboa.

A camara resolveu que esses documentos fossem publicados no *Diario do Governo*.

O sr. Vaz Preto pediu informações officiaes sobre a causa e a maneira porque fôra dissolvido o comicio da quinta da Torrinha.

O sr. presidente do conselho leu o relatorio do commissario geral de policia que diz que depois de ser intimada a dissolução do comicio a auctoridade policial fôra desacatada.

Apesar das instancias do sr. Vaz Preto, o sr. presidente do conselho recusou-se a ler as phrases que o relatorio citava e que os oradores do comicio disseram relativas a el-rei e á monarchia.

A requerimento do sr. Coelho de Carvalho foi resolvida a generalisação d'este incidente.

O sr. Pereira Dias propoz e foi approvado que se prorogasse a sessão até que terminasse este incidente.

O sr. Vaz Preto atacou o governo e o procedimento da policia no *meeting*.

Respondeu-lhe o sr. Henrique de Macedo defendendo o governo e protestando contra algumas phrases do sr. Vaz Preto o que deu causa a que se estabelecesse algum tumulto na sala. O orador apresentou a seguinte moção, que defendeu: «A camara confiando em que o governo fará manter a ordem, passa á ordem do dia.»

O sr. Coelho de Carvalho combateu esta moção e o procedimento da policia.

O sr. marquez de Pomares fallou a favor do governo e do commissario de policia.

O sr. visconde de Moreira de Rey fez varias considerações censurando o governo.

Respondeu-lhe o sr. presidente do conselho que declarou tomar inteira responsabilidade do procedimento da policia.

Falaram ainda, accusando o governo e a policia, os srs. Hintze Ribeiro e Barjona de Freitas; e defendendo-o, o sr. conde Castro.

Esgotada a inscripção, o sr. José Tiberio Sampaio e Mello requereu votação nominal sobre a moção do sr. Henrique de Macedo. A moção foi approvada por 51 votos contra 30.

Em seguida foi encerrada a sessão. Eram 7 1|4 da tarde.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 21 de maio

Presidencia do sr. Coelho e Campos. Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. Frederico Arouca affirmou que a votação de hontem foi illegal, porque houve deputados que pediram a palavra sobre o modo de votar. Propoz que se consignasse na acta a sua affirmação.

O sr. presidente da camara declarou que não ouvira nenhum sr. deputado pedir a palavra sobre o modo de votar.

O sr. Franco Castello Branco propoz nova emenda á acta, dizendo-se que o sr. presidente não ouvira os pedidos de palavra sobre o modo de votar, em virtude do que a camara reconhece que, por equivoco, se postergaram os direitos dos deputados e faz notar na acta a declaração de que havia tumulto na sala quando se realisou a votação. Fez vêr que a minoria ou ha-de sujeitar-se ou reagir por fórma energica. Sujeitar-se, porém, será impossivel.

O sr. Emygdio Navarro declarou que a maioria está resolvida a não recuar perante as ameaças da minoria. Portanto, o que estava votado, estava votado. Sustentou que a maioria ha-de governar, fazendo respeitar as suas resoluções.

O sr. João Arroyo disse que as palavras do sr. Navarro o haviam indignado. Conhecia já o orador sereno, timorato, valente e insidioso; ficou agora conhecendo o orador pimpão. Era preciso que a opposição declarasse se acompanhava as pimponices de s. ex.ª Recordou que em tempo o sr. Navarro atacára a pessoa do presidente da camara, o sr. Silveira da Motta.

O sr. Emygdio Navarro interrompeu o orador, dizendo que o facto a que o sr. Arroyo se referira tivera logar depois de encerrada a sessão. De resto houvera troca de explicações entre elle e o sr. Silveira da Motta. O cavalheirismo oppunha-se a referencias a este assumpto.

O sr. João Arroyo, continuando, negou que a sessão estivesse fechada quando se deu o facto a que alludiu, dizendo que a sessão ia ser encerrada, mas que ainda o não fôra. Protestou contra o desacato feito ás prescripções do regimento.

O sr. Emygdio Navarro leu em seguida o artigo 61 do regimento da camara, o qual estabelece que as duvidas sobre a redacção da acta serão propostas e resolvidas immediamente depois da sua leitura, e em vista d'esta disposição requereu que a materia fosse julgada discutida.

Estabeleceu-se curta e confusa discussão sobre se antes da ordem do dia se deviam admittir requerimentos.

O sr. Frederico Arouca propoz que se consultasse a camara sobre o assumpto.

A camara resolveu que se admittissem os requerimentos antes da ordem do dia e que se consignasse na acta esta resolução para servir de precedente, na conformidade do que propozera o sr. Arouca.

O requerimento do sr. Emygdio Navarro foi approvado.

A primeira proposta do sr. Frederico Arouca e a do sr. Franco Castello Branco foram rejeitadas.

Passou-se depois á

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

Projecto do emprestimo para quarteis

Sobre a especialidade do projecto usou da palavra o sr. Pinheiro Chagas, que o atacou.

Respondeu-lhe o sr. ministro da guerra, defendendo o projecto.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. Moraes Carvalho disse que o orçamento geral do Estado apresentava apenas uma forte despeza publica. Esse documento estava cheio de alçapões e fundos falsos. Sustentou que os progressistas em 3 annos de governo augmentaram as despezas do Estado em 6.000:000$000. Fontes Pereira de Mello, em igual periodo, augmentara-as em 1.824:000$000. Disse que os progressistas haviam contrahido emprestimos na importancia de réis 107.000:000$000, incluindo as conversões. Disse que os nossos fundo têm subido, não pela boa administração do governo, mas sim pela grande abundancia de capitaes nos mercados europeus. Sustentou que das conversões realisadas pelo governe só resultou prejuizo para o paiz. Pediu para ficar com a palavra reservada.

No fim da sessão o sr. João Arroio pediu a publicação dos contratos para as conversões de 1888 e 1889. Perguntou se o governo manda dar trabalho proprio aos barqueiros do rio Douro e se está resolvido, como consta de um boato, a annullar o contrato de 15 de março. Pediu que o sr. presidente do conselho venha á camara, afim de explicar o que se passou nos ultimos comicios realisados em Gaia.

O sr. ministro da fazenda disse que não podia compromettter-se a fazer publicar desde já os documentos a que se referira o sr. Arroyo. Declarou que o governo não póde inventar trabalho proprio para os barqueiros do Douro.

O sr. Ferreira de Almeida lembrou, em áparte, que os barqueiros fossem empregados na dragagem do Douro.

Continuando, o sr. ministro da fazenda disse que o governo não annullará o contracto de 15 de março, porque não quer nem póde fazel-o, mas que procurará conciliar os interesses dos commerciantes com os da agricultura. Disse que o sr. Luciano de Castro tem de assistir ámanhã á sessão da camara dos dignos pares.

O sr. João Arroyo quiz fallar novamente mas, como se ouvissem das bancadas da maioria gritos de: «Deu a hora, deu a hora», o sr. presidente encerrou a sessão.

—

Sessão de 22 de maio

Presidencia do sr. Coelho e Campos. Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. João Arroio declarou desejar interrogar o sr. ministro da fazenda, que não estava presente, sobre os seguintes assumptos: promoção illegal que foi feita na alfandega do Porto e atraso de pagamento dos honorarios dos professores de Ribeira de Pena. Apresentou o alvitre de debelar a crise porque estão passando os barqueiros do rio Douro, empregando-os nas obras do mesmo rio. Perguntou ao sr. ministro das obras publicas se nas ultimas horas decorridas o governo resolvera preparar-se para distractar o contrato de 15 de março para a fundação da Real Companhia Vinicola do Norte. Se ha tal intenção que ella se realise o mais depressa possivel. Leu um trecho de uma carta publicada pelo sr. Judicibus no jornal o *Seculo*, narrando os factos occorridos no *meeting* da Torrinha. Disse que se abstinha de fazer commentarios sobre essa carta e que aguardava a presença do sr. ministro do reino.

Foi lido na meza um officio do sr. ministro da justiça pedindo licença para que o deputado sr. João Pinto dos Santos compareça em julgado para depôr sobre os ferimentos que recebeu no comicio do alto da Torrinha. A camara resolveu acceder a esse pedido.

O sr. ministro das obras publicas respondeu ao sr. João Arroio dizendo que está resolvido a manter o contrato de 15 de março. Póde, porém, ser que se façam, de accordo com os ontorgantes, modificações n'um ou n'outro ponto do contrato. Por emquanto nada havia resolvido sobre o assumpto.

O sr. Alfredo Brandão apresentou um projecto de lei para a construcção do caminho de ferro de Arganil á Covilhã.

O sr. João Arroio tornou a pedir a palavra, não lhe sendo porém concedida, porque se passou á

1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Discussão na especialidade do projecto do emprestimo para quarteis

O sr. Ferreira de Vasconcellos tratou do assumpto, lamentando que no projecto não se encerrassem disposições relativas ao recrutamento regional, que reputou de assumpto mais importante do que o da construcção de quarteis.

Respondeu-lhe o sr. Eduardo Villaça que tratou de demonstrar que o recrutamento regional está comprehendido na lei de 1887. Defendeu largamente o projecto, encontrando n'elle grandes vantagens sobre o ponto de vista higienico. Demonstrou que a grande mortalidade que costuma haver no nosso exercito é em parte devida ás más condições hygienicas dos nossos quarteis.

Passou-se em seguida á

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. Moraes Carvalho continuou o seu discurso, notando no orçamento grande augmento de despeza e diminuição relativa na receita.

Começou a responder-lhe o sr. ministro da fazenda, que fez algumas considerações demonstrando a boa administração financeira do governo.

Como désse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada.

O sr. João Arroio, que pedira a palavra para antes de se encerrar a sessão, falou em seguida lamentando que lhe não tivesse sido concedida a palavra para fallar antes de se encerrar a sessão, abrindo-se assim uma excepção em seu desfavor. Consignou as contradições existentes entre as declarações feitas hontem pelo sr. ministro da fazenda, ácerca do boato de revogação do contrato de 15 de março, e as declarações feitas hoje pelo sr. ministro das obras publicas. Disse ter esperanças de que o contrato será completamente revogado.

Em eguidamente foi encerrada a sessão.

SECÇÃO LITTERARIA

MIRABEAU NA TRIBUNA

5 DE MAIO DE 1789

Não é só a França que deve commemorar n'este dia a aurora da revolução que transformou as sociedades modernas. Todos os espiritos cultos e os corações que se alimentam na dedicação á liberdade devem recordar o centenario da abertura da Assembleia Nacional, em que o povo tomou a civilisadora iniciativa de conquistar as franquias e immunidades da vida politica e abrir amplos horisontes ás aspirações da democracia. Faz hoje cem annos que Mirabeau appareceu na tribuna. Este centenario não pode ser olvidado por aquelles que têem pela eloquencia uma peixão, e que votam um estudo especial á vida dos grandes oradores: todos os que buscam lição e modelo n'esses grandes artistas da palavra que foram a gloria da tribuna, fossem quaes fossem as ideias que os guiaram na estrada triumphal da gloria, ou os principios que propagaram e defenderam a poderosos golpes de luz e de talento!

O genio que se eleva aos mais subidos horisontes, a mente que se escandece no culto dos mais nobres ideaes, o coração que se inflamma nos éstos das paixões mais dignas, quando teem ao seu dispôr a força da palavra, o calôr da expressão, a energia do gesto, a viveza, a coragem, o enthusiasmo e a voz, conquistam a vindicação das causas porque pelejam e a admiração da posteridade.

De tantos espiritos que ambicionam esta gloria, bem poucos logram adquiril-a; de tantos homens que se reputam oradores, bem poucos são os que reunem todos os elementos imprescindiveis.

Emilio Castellar, traçando a biographia de E. Figueras, diz que a arte por excellencia é arte da palavra, porque a palavra tem rithmo como o verso, harmonia como a musica, debucho e côres como a pintura, relevo como a estatuaria, architectura como a arte monumental, tactica como a guerra, leis de habilidade e destreza como a esgrima e regras supremas de justiça como a moral. N'esta discripção parece que o tribuno hespanhol estava a ver as aptidões do seu biographado, nos moldes em que a historia tem fundido a estatua dos grandes oradores como foi Mirabeau, o revolucionario do seculo passado.

Por uma organisação excepcional, possuia Mirabeau o incomparavel segredo de se impôr ás assembleias, assim como sabia conduzir as questões e aproveitar os effeitos com o mais lucido descernimento e apurada arte.

Era fogoso no ataque sem perder a orientação em que collocava o assumpto; era impetuoso e dominador sem se affastar da séria meditação que lhe havia merecido a questão que tractava: tinha os elementos do sol,—o brilho e a luz, possuia as qualidades do mar,—profundeza e magestade!

Poeta, escriptor, polemista, philosopho e tribuno, a sua vida é cheia de sobresaltos e luctas, de desenganos e sacrificios.

Poucas vezes se tem visto, diz um critico das obras do grande orador, poucas vezes se tem visto um homem de tão notaveis faculdades luctar por tanto tempo contra a onda da mediania. A fortuna era-lhe adversa, todos os caminhos se lhe cerravam obstinadamente. Foi preciso que a revolução politica irrompesse do seio da Europa envillecida, para que Mirabeau, litansepulto no fundo ergastulo da monarchia absoluta, surgisse radiante de genio e vontade no cimo d'um vasto montão de escombros! E tão injusta foi para elle a fortuna, que só dois annos o astro da eloquencia alumiou o seio da assembleia e a consciencia do povo que idolatrava.

O seu aspecto magestoso no inicio da revolução lembra esses oradores da antiguidade, como Demosthenes nos dias em que Athenas o admirou invocando os deuses e chamando pelas sombras dos heroes que dormiam o longo somno da morte no algido seio dos marmores de Parus; parece Cicero defendido pela gratidão do povo romano e Gracco abençoado pela multidão de tantos infelizes que o amavam!

No resplendor da sua gloria teve a affronta e a injuria a perseguil-o, como todos os homens de grande genio teem sempre emulos a quem affrontam e antagonistas a quem despertam odientas vinganças. Proudhon defende o grande orador com estas palauras insuspeitas:—«A calumnia organisada contra Mirabeau, foi uma vergonha para o partido revolucionario de 89 e uma calamidade nacional!»

A despeito de todas as insinuações da critica apaixonada nos dias das revoluções e das opiniões que se téem apresentado posteriormente, o vulto grandioso do egregio tribuno occupa um logar proeminente na historia e um throno de luzente gloria na litteratura.

O dia do seu inicio parlamentar é digno de ser memorado n'esta occasião em que a França vae abrir uma imponente exposição universal para commemorar a revolução do seculo passado. Faz, pois, hoje cem annos que este astro da eloquencia despontou.

Quando Mirabeau appareceu no alto da tribuna, raiou um sol de novos resplendores na vida da Assembleia Nacional. Aquelle homem de estatura gigante como os athletas do mundo hellenico e os gladiadores dos circos romanos, robusto, agil e corajoso, vinha das grandes luctas, em que retemperára o seu genio, do estudo onde illustrára o espirito, dos soffrimentos onde se resignara a todas as privações e sacrificios: era pois o soldado para os mais temerosos combates, o dedicado apostolo que tinha a abnegação de sacrificar-se pelo triumpho que ambicionava conquistar para as suas ideias.

Veio em nome do povo para vindicar os direitos do povo, e por isso o assumpto do primeiro discurso está traçado. «Pouco me inquieta a significação da palavra na linguagem absurda das preoccupações, diz o eminente orador. Fallo a linguagem da liberdade, e tenho por exemplo os inglezes e americanos, que têem honrado sempre esta palavra povo, consagrando-a nas suas declarações, nas suas leis e na sua politica. Chatam ao resumir n'uma só palavra as liberdades das nações dizendo—a magestade do Povo, quando os americanos opposeram os naturaes direitos do povo á farragem dos publicistas com relação ás convenções que os coarctavam, reconheceram toda a energia e todo o valor d'esta expressão realisada pela liberdade!

«Precisamente porque o nome de Povo, continuava o grande tribuno, não é assaz respeitado em França, porque está como que aborrecido, quasi coberto pela ferrugem das preoccupações; precisamente porque symbolisa uma ideia que subleva o orgulho e alarma tantas vaidades; precisamente porque é pronunciado com desprezo nos salões da aristocracia; precisamente por tudo isto, senhores, devemos impôr sobre nós a tarefa, não só de o levantar, como tambem de o ennobrecer, fazendo-o respeitado dos ministros e querido de todos os corações! Se este nome não fosse o nosso, seria escolhido entre todos e aproveitado como perante a occasião mais preciosa de servir esse Povo, cuja existencia é tudo, a esse povo que representamos e cujos direitos defendemos!.....

.....

«Ao abrigo d'esse nome, que não desperta temores, arranjaremos o germen, cultival-o-hemos, separaremos as funestas influencias que pretendem afogal-o, havemos de protegel-o, e a nossa ultima descendencia terá de acolher-se sob a benefica sombra dos seus immensos ramos!

«Não vêdes que o nome de representantes do Povo nos é necessario, porque nos aproxima do Povo?»

Tal é um pallido reflexo da estreia parlamentar do grande orador, que a pulsos de genio e a torrentes de eloquencia, abriu os diques á onda poderosa da revolução.

E' passado um seculo depois que a voz de Mirabeau se ergueu no seio da Assembleia Nacional; distancia respeitosa para ser julgado sem paixão o vulto do incomparavel orador; occasião talvez propicia aos que o estudam litteraria e artisticamente, de deporem uma coróa de virentes laureis sobre a gloriosa tribuna onde o talento conquistou luzentes victorias!

Porto—1889.

F. J. Patricio.

O FRADE BOI

Os historiadores claustraes do seculo XVII eram sujeitos de uma simplicidade tocante. Amollecidos na ociosidade pachorrenta da cella, os pobres chronistas esgotavam-se em historietas risonhas, obrigadas ao milagre e aos requintes exoticos do mysticismo, fabricando uma exquisita natureza convencional, dentro da qual chocalhavam versos ao divino e as mais estravagantes phantasias. Longe do mundo, onde os fortes de alma sadia luctavam desesperadamente nas batalhas da vida, elles os molles e doentios cerebros, que uma falsa comprehensão da dignidade humana arrastava para os dominios do sobrenatural, arvoram a humildade em criterio da justiça, e da piedade fizeram uma caricatura.

Exemplifiquemos essa estranha philosophia, que substituia as virtudes viris e humanas pela aniquilação da vontade e do senso commum. Resuscitemos o caso do frade leigo, fr. Gregorio de Vizeu, celebrado por fr. Paulo de Lima e Jorge Cardoso no *Agiologio*, e particularmente, por fr. Fernando da Soledade na *Historia Seraphica da Ordem de S. Francisco da provincia de Portugal*,

Fr. Gregorio nasceu em Vizeu em anno incerto, tomou o habito da ordem de S. Francisco, em provincia tambem desconhecida, e foi morrer a Gôa, pelos annos de 1591 a 1611, se n'este ponto não erram os seus apologistas.

Não foram sufficientemente tirados a limpo os particulares da vida do frade leigo, dos primeiros annos. Sabe-se porém, que passara d'esta a melhor vida no momento em que a fama das suas virtudes já era notoria no gremio franciscano. O venerando arcebispo D. Aleixo de Menezes, a cuja pituitaria chegaram tambem os cheiros acres da santidade de Gregorio, quando o viu estatelado no feretro, aproximou-se do cadaver; e com os labios tremulos de commoção beijou-lhe os pés!

Tudo merecia o piedoso Gregorio. A sua vida fôra um perennal exemplo de simplicidade e modestia, de abnegação e pobreza. A egreja não lhe conferiu a merecida canonisação, privando-o, assim, com feio menosprezo, das horas posthumas da folhinha; mas nem por isso deixam de perluzir eternamente na historia seraphica de fr. Fernando da Soledade os rasgos coruscantes das fulgidas virtudes evangelicas, que esmaltam a piedade de fr. Gregorio.

Respiguemos, ao acaso, na vasta ceára dos feitos do franciscano viziense.

Gregorio passou um dia de Portugal a Castella. Não dizem as chronicas se jornadeou a pé ou a cavallo, nem por que terras fez itenerario; mas sabemos, porque o diz Fernando da Soledade, que mal entrado em terras de Hespanha perdera de todo a memoria da lingua portugueza! E esta!

Não está averiguado se o frade adquiriu o conhecimento do hespanhol com a facilidade com que esqueceu o portuguez; mas não ha duvida em que se lhe varreu completamente da lembrança a lingua da sua terra, como se tivera bebido no Lethes.

A providencia serve-se de prodigios bem extraordinarios para confundir os incredulos e exaltar as suas creaturas!

Outra simplicidade de fr. Gregorio, muito celebrada entre os seus pares!

Sendo porteiro do convento da Madre Deus, recoleto da Custodia de S. Thomé, recommendou-lhe um dia o padre guardião, que não recebesse ninguem, porque a nenhum importuno estava disposto a aturar.

— Se vierem procurar-me, a todos dirás, repara bem, que não estou em casa.

— Vá na paz do Senhor, que será cumprida sua ordem.

E cumpriu religiosamente, por quanto, apparecendo depois muitas pessoas em busca do guardião, a todos ia o porteiro despedindo com estas palavras promptas e espevitadas:

— Sua reverendissima recommendou-me muito, ao recolher-se, que dissesse a todos que não estava em casa.

Pelo que se ve, Gregorio era um poço de discripção e finura. As portas do céu iam-se abrindo, de par em par, anciosas de o receberem, á proporção que a santidade d'este simples já não cabia nos commentarios cochichados da communidade. Outra finura de santo.

O vice-rei Mathias de Albuquerque sabendo que Gregorio teria de chegar a Caul, fel-o portador de algumas cartas para differentes capitães de fortalezas, que devia encontrar no trajecto, e recommendou-lhe que guardasse bem esses papeis por serem de importancia.

Se o vice-rei muito bem o recommendou, melhor se desempenhou o recoveiro; no regresso a Gôa o bom do frade dirigiu-se logo a Mathias de Albuquerque, e sacudindo da manga as cartas intactas e bem acondiccionadas, disse triumphantemente:

— Aqui as tem bem guardadas, como por sua mercê me foi recommendado.

O que o bigrapho se esqueceu de referir foi o modo como o vice-rei acceitou os papeis, e a cara que tinha quando o leigo lh'os restituiu.

Agora uma simplicidade de outro genero:

Na cerca do convento da Madre de Deus, fundado por D. Gaspar, existia uma nora puxada a bois. Um dia o fundador espairecia na cerca, fazendo o chilo do jantar, e reparou no Gregorio, que, pacientemente, se afadigava por jungir os bois ao engenho.

Abeirou-se, e disse:

— Fr. Gregorio não será um dia boi?

O Gregorio fitou o risonho D. Gaspar e respondeu com apparente doçura:

— Serei; mas quem me ha de atar e tanger?

— Ora essa! eu! retrucou o outro.

Dito e feito. O arcebispo arremangou-se, desviou os bois, jungiu o leigo, empunhou a vara, e seguiu á roda, atraz do *boi*.

Gregorio ia afrouxando o passo; mas o arcebispo não lh'o consentia. O ferrão da vara entrava fundo nas carnes do paciente.

— Mais brando, que me doe, berrava Gregorio.

Mas o virtuoso arcebispo não cessava de espicaçar, animando-o com palavras de coragem.

Já o leigo succumbia alagado em suor, quando pela primeira vez na sua vida lhe accudiu uma boa ideia. Estacou subitamente e propôz a fr. Gaspar uma troca de papeis. O arcebispo daria o pescoço á nora, e a aguilhada passaria para as mãos do leigo.

Fr. Gaspar, que era uma santa creatura e um engenho tão agudo como o porteiro, acceitou o contracto.

Então é que foram ellas! A aguilhada brandida nervosamente pelas mãos nervosas do leigo, levantava estalidos e nuvens de poeira dos lombos do arcebispo, que inutilmente berrava jungido á nora.

— Mais brando, mais brando, soluçava o arcebispo, cada vez que sentia nas carnes moles a ponta do ferro. Olha que me matas, algoz.

Então o sorna do leigo sorria, diabolicamente, levando o arcebispo diante de si a golpes de pau.

— O boi falla! Soffra irmão, que assim me fazia! rosnava o leigo.

Não diz a chronica os estragos feitos nas carnes do arcebispo pela vingança do leigo; mas é certo que não morreu d'essa feita, ou porque o Gregorio chegasse por fim a apiedar-se da sua victima, ou porque alguma alma bemfazeja lh'a tirasse das mãos.

Tal foi a simplicidade menos simples que praticou em vida o humilde fr. Gregorio de Vizeu, que desde o seculo XVIII está, baldamente, á espera da canonisação merecida.

Roma esqueceu-se.

J. Simões Dias.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 20

Annuncio para a entrega das obrigações do emprestimo de 4 por cento de 1888, em troca dos titulos provisorios.

Diario de 21

Despachos de varios empregados para as contribuições directas.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado da Bahia, referida ao mez de julho do anno de 1888.

Mappas das patentes de invenção concedidas durante o mez de fevereiro de 1889.

Diario de 22

Annullado o concurso para o provimento da paroquia de Alverca, no concelho de Pinhel.

Varios despachos judiciaes.

4

FOLHETIM

EUGENIO SUE

O MARQUEZ DE LETORIÈRE

II

O EX-REGENTE DE PLESSIS

— Sahi d'aqui no mesmo instante! O senhor marquez, meu nobre discipulo, ainda não veio... não sei quando virá... mas, de qualquer modo, julgo que não terá nenhuma satisfação em ver-vos, minha querida... porque, se a cólera desfigura as feições mais encantadoras, diz o sabio *á fortiori*, mais desfigura aquelles que a natureza atirou ao mundo como madrasta! Entendido isto particularmente comvosco, fazei-me a graça de...

E Domingues mostrou de novo a porta com um gesto significativo.

Com este insulto, a mulher do alfaiate exasperou-se; lançou seu guarda-chuva ao chão, sentou-se arrebatadamente sobre uma cadeira, e bradou:

— Toca-te, hediondo mocho... chamar feios aos outros!... Este bello moço é teu discipulo, dizes tu! Oh! meu Deus! assim o creio, porque tu tens o ar de um mestre approvado na indignidade! velho miseravel!... Mas eu, não sáio d'aqui em quanto não fôr paga, percebeis? paga... eu! Por Santa Magdalena, minha patrona, se sahir, será para ir procurar o senhor commissario.

— Fallaes-me verdade! paga... e de quê? perguntou Domingues.

— Quero ser paga da casaca que o vosso quebra-esquinas traz vestida. Sou a mulher de mestre Landry, alfaiate das *tesouras de ouro*; e se meu marido foi tolo em fiar de vós até ao presente, não serei eu tão imbecil que o imite. Preciso de dinheiro, e não sahirei d'aqui sem que receba o que é meu.

— Como! exclamou Domingues, cruzando os braços com um movimento arrogante, é por tão insignificante motivo que vens quebrar-me os ouvidos com teus horriveis guinchos, e atormentar o senhor marquez! Esqueces que antigamente as cidades da Grecia disputavam a honra de offerecer os seus serviços a Alcibiades? que os Ephesios levantaram as suas tendas! que os Chios sustentavam os seus cavallos? que os Lesbios mantinham as suas mesas? e tudo isto *gratis*, percebes bem, *gratis;* tudo isto para ter sómente a honra de offerecer alguma cousa a Alcibiades! E tu, miseravel, pela ridicularia de trezentos francos, que não fazem a decima parte de um talento, por uma ninharia que te deve o senhor marquez, meu discipulo, que é ou será... por Deus... melhor cousa que Alcibiades, tu vens grasnar como um ganso! Porém, velha louca, ao contrario, bem diz o dia em que o meu discipulo se dignou lançar os olhos sobre a tua ignobil loja! recorda-te que o sapateiro de Athenas que teve a felicidade de fazer o primeiro *calçado a Alcibiades*, ganhou mais dinheiro em um anno, do que tu ganharás na tua miseravel vida, entendes!

Magdalena Landry, vendo a desesperação d'este homem alto, vestido com um cobertor, e que fallava de Alcibiades, julgou estar a tratar com um doudo.

— Ao menos, continuou Domingues, trazes a casaca que o senhor marquez foi servido encommendar a teu marido? Pensae bem, que duplicada attenção e saber é preciso para acabar este vestido; porque se trata do vosso futuro de tesoura; se este alfaiate contenta o meu discipulo, a vossa fortuna está feita... Vejamos, onde está essa casaca? E Domingues encaminhou-se gravemente para Magdalena.

Esta levantou-se arrebatadamente da cadeira, decidida a saltar ao pescoço d'aquelle que julgava um insensato.

— Não te approximes! ou te parto a cabeça com este guarda-chuva! bradou ella.

— Estaes douda, minha cara senhora... quem pensa em forçar-vos? Não trazeis a casaca? tornou Domingues com um modo menos ameaçador.

— Como! se trago a casaca? imprudente! disse Magdalena um pouco socegada. Certo que não a trago; e não é por culpa minha se o vosso discipulo tem sobre as costas aquella que o idiota de meu marido lhe vendeu, e da qual venho exigir o pagamento; e torno a dizer-vos que não sáio sem que me pague... Ao contrario, ainda ha, Deus louvado, logar na cadeia para metter os caloteiros... Quando não ha com que pagar as bellas casacas... embora; o teu marquez, se é que o é, que traga uma véstia de burel, e não roube o tempo e a fazenda aos pobres artistas.

Ao mesmo tempo ouviram-se passos na escada.

— E' o senhor marquez, bradou Domingues.

— Ah! vamos ter bom divertimento! bradou a senhora Magdalena.

— Minha querida senhora, disse Domingues, d'esta vez com modo supplicante, poupae-o; á fé de Domingues, vós sereis paga.

— Que me importa! Vamos vêr esse marquez de meia tigella!

A porta abriu-se immediatamente, e o marquez appareceu.

— Não tenho valor para assistir a este scena, disse Domingues, tremendo. E fechou-se no seu escuro quarto.

III

O DEVEDOR

Ao vêr o marquez, Magdalena levantou-se como um gallo de peleja, fitando os olhos scintillantes de colera sobre o joven.

O marquez de Létorière, tinha quasi vinte annos. Os retratos que ha d'elle, e os testemunhos unanimes dos seus contemporaneos, são concordes em o representar como o typo mais ideal da mais seductora belleza.

N'aquella idade, e suas proporções, de uma elegancia exquisita, approximava-se ainda mais do amor grego que do Antinoo.

Todos os thesouros do antigo estatuario não offereciam, diz-se, nada de similhante á bella harmonia de suas fórmas. Debaixo d'este exterior encantador, a natureza occultava musculos de aço, um animo de leão, um espirito eminente, uma alma superior e um caracter generoso.

Seu rosto, tão cheio de attractivos, era de uma belleza severa e viril; mas não se podia imaginar nada de mais lindo... e a belleza era de um maravilhoso que lhe quadrava. Uma estatura de força herculea não viria então a proposito, porque já não se fazia preciso a armadura. Um aspecto digno e grave seria fóra de tempo, pois que as veneraveis cabelleiras leoninas do seculo de Luiz XIV já não eram da moda.

Se Létorière ostentou de um modo tão attractivo os polvilhos côr de rosa, as rendas, as fitas, a seda e os diamantes, é porque as suas disposições, e todas as suas feições, eram dotadas de uma graça quasi feminil, tão admiravel em referencia com a elegancia, como effeminada em referencia com os costumes e com as cabelleiras dos homens de então. Se possuiu a arte de agradar e de seduzir no mais subido gráo, é porque essa physionomia encantadora sabia exprimir alternativamente a delicadeza, a zombaria, a altivez, a audacia, a ternura e a melancholia.

Na opinião dos seus contemporaneos, o olhar e o argentino da voz do marquez de Létorière, tinham sobre tudo um encanto e um poder irresistiveis, que os partidistas de uma nova sciencia attribuiriam sem duvida á attracção magnetica.

Mas, na epocha a que nos referimos, o marquez era um pobre joven, e, *magnetica* ou não, essa attracção ia pôr-se a dura prova da mulher do alfaiate.

Magdalena Landry sentia subir de ponto a sua colera, á vista do seu devedor.

Létorière, ensopado em agua, tinha as mãos roxas de frio, e o rosto quasi occulto pelos anneis humidos dos seus lindos cabellos lavados dos pós.

Quando elle viu Magdalena, não poude reprimir um movimento de assombrosa angustia; por tanto saudou-a politicamente, e lançando-lhe seus grandes olhos pretos, ao mesmo tempo meigos e tristes, disse-lhe com a sua voz harmoniosa e fina:

— Que me quereis, senhora?

— Quero que me pagueis a casaca que trazeis, porque me pertence... a mim e a meu marido, Landry, alfaiate do *senhor marquez*, replicou Magdalena com voz aspera, examinando insolentemente o seu devedor.

Uma vermelhidão pudibunda coloriu as faces do joven, um movimento de cruel impaciencia enrugou suas sobrancelhas; mas reprimiu esta emoção, e respondeu docemente:

— Desgraçadamente, senhora, não posso ainda pagar-vos...

— Não me podeis pagar!... é facil de o dizer; mas eu não me contento com esta moeda! Quem não tem dinheiro, não manda fazer casacas... Eu não sáio d'aqui sem que se me pague... «E Magdalena Landry sentou-se brutalmente, em quanto que Létorière ficou em pé.

— Escutae-me, senhora... D'aqui a um mez tenho a certeza de poder pagar-vos, dou-vos a minha palavra de cavalheiro... Tende sómente a condescendencia de me conceder uma espera... eu vo-lo peço...

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

24 DE MAIO DE 1889.

N'estes ultimos dias não se tem dado nenhum successo importante, nem nas camaras nem fóra d'ellas. De notavel ha porém o facto de haverem alguns pares do reino tomado a defeza dos desordeiros republicanos, o que prova que o comicio da Torrinha foi obra das opposições combinadas. Sabia-se isso, mas a confirmação vieram dar-lh'a os que, sendo pares do reino, vivendo proximos do throno, defendem alli os que são inimigos jurados do Rei e das instituições. Parece incrivel que as paixões e o mau senso levem tão longe os que assim procedem. A correcção do seu procedimento, porém, estão-a já soffrendo no desprezo com que a opinião publica fulmina os que assim procedem.

— Hontem não houve sessão em nenhuma das casas do parlamento. O governo vae apresentar a lei de meios havendo, para a discutir, sessões nocturnas. E é de crer que não haja mais nada, porque d'esta camara é impossivel obter trabalhos uteis.

— Dizia hontem um jornal d'aqui, que as camaras seriam promptamente encerradas, não se prorogando as suas sessões além do dia 2 de junho. Ignoro onde o collega foi buscar essa informação, mas salvo acontecimentos extraordinarios, parece-me que forçosamente a sessão ha de ser prorogada pelo menos até meado de junho, visto que além do orçamento rectificado e da lei de meios, ha uns poucos de projectos de lei, em que o governo está empenhado e que são de incontestavel utilidade publica. Claro está que, se a opposição empregar o obstrucionismo, poderá este ser combatido pelo expediente das sessões nocturnas. Mas se, além do obstrucionismo, tambem lançar mão de tumultos, como já umas poucas de vezes tem ameaçado de fazer, então se poderá tornar impossivel a prorogação das sessões. Fóra, porém, d'esta hypothese ou ainda de tal obstrucionismo, que nem ainda bastem sessões nocturnas, crêmos que teremos prorogações pelo menos até meiado do junho. Não julgo que vão além, mas até essa epoca parecem-me probabilissimas que as haja, salvo nas hypotheses mencionadas.

— O sr. Serpa Pimentel, o chefe illustre do grupo regenerador, continúa não fornecendo explicações ácerca do emprego que deu ao *resto* dos 60 contos, depositados á sua ordem no *London & Brasilian Bank*, por causa da famosa tramoia de Lourenço Marques. O sr. Serpa Pimentel, apanhando-se com o livro de cheques no bolso, dispendeu de modo sabido uns 36 contos. Mas que fez do *resto*? E' isso o que desejamos saber e sobre o que continuamos pacificamente aguardando explicações. Que foi feito do resto? Pergunta isto e com muita razão o *Diario Popular* de hoje.

— Reuniu-se o conselho d'Estado para a sancção das leis votadas pelo parlamento. A que respeita á remissão dos recrutas de 1887 por 50$000 reis foi sanccionada e vae ser publicada no *Diario do Governo.*

— Ainda se não sabe se as camaras serão ou não prorogadas e porque tempo o serão, se o forem. O que é certo é que vão haver sessões nocturnas para a discussão da lei de meios.

— Na ultima sessão do conselho d'Estado foi votada a transferencia do sr. juiz da comarca da Feira, attendendo-se assim ás differentes representações que da comarca tinham subido ás estações superiores.

— Foram ao Porto os srs. deputados regeneradores Fontes Ganhado e Pedro Victor, commissionados pelo sr. Franco Castello Branco para pedirem explicações ao sr. Correia de Barros da sua carta publicada em differentes jornaes. O sr. governador civil do Porto deu-lhas e muito dignas, ficando assim o negocio concluido.

— Reuniram-se ante-hontem das 8 horas até á meia noite as commissões de fazenda e agricultura, sob a presidencia do sr. Dias Ferreira, a fim de continuar a discussão do projecto dos vinhos. A idéa dos premios de exportação encontra difficuldades na commissão, tanto por causa dos tratados do commercio como por graves difficuldades na applicação do systema. O sr. Eonés apresentou um projecto de substituição muito completo, que foi mandado imprimir e distribuir pelos membros das commissões, que devem reunir-se de novo no sabbado. O sr. Marianno de Carvalho propoz que, em vez de premios de exportação, houvesse concursos ordinarios todos os annos concedendo-se premios até quantia relativamente avultada aos vinicultores que fabriquem typos de vinhos do Porto apropriados para o consumo directo. Esta ideia ficou para ser ponderada na proxima sessão. Resolveu-se por unanimidade extinguir os direitos de exportação, que são hoje de 18 réis por decalitro para os vinhos tintos e 10 réis para os brancos. Ficará apenas um direito meramente estatistico de 2 réis sobre o decalitro de vinho tinto e de 1 real por decalitro de vinho branco. Aqui se concede um grande beneficio dos vinicultores. Ficou pendente a discussão sobre os direitos de consumo sobre os vinhos em Lisboa, sendo posta de parte definitivamente a ideia de tributar os materiaes de construcção. E' natural que a discussão termine ámanhã.

— El-rei offereceu o titulo de marquez ao sr. Barahona, seu hospedeiro em Evora, que agradeceu, mas pediu licença para não acceitar. El-rei então disse-lhe que desejava ao menos darlhe uma lembrança sua, fazendo-lhe um presente como lavrador. Vai mandarlhe uma parelha de cavallos da caudelaria de Alter.

— A commissão de proprietarios, commerciantes e donos de estabelecimentos industriaes de Villa Nova de Gaya, foi hoje ao paço d'Ajuda apresentar a S. M. a Rainha a representação feita nos comicios de Gaya. S. M. recebeu a commissão da maneira mais graciosa, e, depois de ter ouvido lêr a representação, na qual se pede ao monarcha que ponha termo ao conflicto aberto entre o governo e o commercio portuense de vinhos, respondeu que: «recebia a representação, que entregaria a El-Rei, pois que outra coisa não podia fazer na sua posição; mas que intercederia quanto podesse por tudo quanto fosse para beneficio do paiz.»

— Os festejos em Evora por occasião da estada alli da familia real foram verdadeiramente grandes. Suas Magestades quando se retiraram escreveram no album do sr. dr. Barahona as seguintes palavras de reconhecimento pela principesca hospitalidade que alli tiveram:

«Agradecendo-lhes do fundo do coração o seu acolhimento e hospedagem durante os dias que passei na capital transtagana, e asseguro-lhes a minha mais sincera estima e grata amisade. Será uma lembrança que jámais me sahirá da momoria.—21 de maio de 1889.—*El-Rei.*»

«Peço-lhes que creiam na minha cordeal sympathia, agradecendo-lhes a sua tão boa hospedagem, a qual muito estimei.—21 de maio de 1889.—*Maria Pia, Rainha.*»

— Os srs. condes de Valbom partem hoje no *Sud express* para Paris.

— Foi nomeado juiz do tribunal administrativo d'esse districto o sr. Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, que por muitos annos foi delegado na comarca de Estarreja, cargo que exerceu com notavel zelo, isempção e probidade.

— No proximo domingo realisa no salão da Trindade, pelas duas horas da tarde, o illustrado professor da Escola Polytechnica, o sr. José Julio Rodrigues, uma conferencia ácerca da beterrába, nas suas relações com as actuaes questões agricolas. Deve ser muito interessante a prelecção, pois se trata de uma industria de evidente importancia, qual é a do assucar de beterrába.

— Na madrugada de ante-hontem, suicidou-se na Penitenciaria o preso Manuel José Asperes, natural da Amarelleja, comarca de Moura, casado, de 37 annos de edade, e que estava cumprindo sentença por crime de homicidio voluntario. A morte foi por meio de enforcamento com uma toalha, que prendeu no gancho da janella da sua cellnla. Só de manhã se deu pelo triste acontecimento.

— Na escola medica d'aqui fazem acto este anno 14 alumnas, entrando n'este numero—a que denominam a primeira medica portugueza.

— Foi hoje absolvido o alferes Ganso d'Almeida, accusado de falsificação de documentos e de desvio de fundos.

Y.

—

A' ultima hora.—Parece resolvido que as camaras serão prorogadas até 15 de junho. No caso de haver tumultos ou obstrucionismo, a maioria está na firme disposição de votar que haja sessões nocturnas, para serem votados, além das medidas constitucionaes, os projectos de interesse e fomento agricola, em que o governo tanto se empenha.

— O sr. ministro da marinha apresentou na sessão de hoje propostas d'alta importancia que dizem respeito ás colonias e á marinha.

— Os regeneradores e os republicanos de commum accordo preparam novo comicio para domingo—comicio a que presidirá o sr. Elias Garcia, official superior do exercito. E' o abuso no seu auge!

Y.

CARTA DO PORTO

25 DE MAIO DE 1889.

Nenhum facto novo se tem dado aqui n'estes ultimos dias. Os agitadores continuam no seu officio, mas sem resultado importante. O comicio da Mealhada é obra de Lisboa e d'aqui, pois que o fim da opposição é provar que no proprio circulo do sr. presidente do conselho, onde tem familia, casa e vastas relações, ahi mesmo são mal vistas as suas leis. Não farão nada com isso. D'aqui diz-se que irão fallar alguns *oradores* republicanos. Ha de ter que vêr. Esperemos para poder dizer com exactidão.

Não terminou ainda por completo a gréve dos commerciantes de vinho. As ordens de Lisboa determinam a continuação e elles continuam. E' a insensatez no seu auge. Isto, porém, não póde durar muito: alguns dias mais e a furia terá a sua agonia.

— Está melhor o sr. visconde de Pereira Machado. As sympathias de que este cavalheiro gosa no Porto temlhe merecido demonstrações, que muito devem ter penhorado o seu espirito essencialmente popular e benevolo.

Z.

—

P. S. — Um grande attentado acaba de praticar-se n'uma das ruas d'esta cidade. Contra a casa do sr. governador civil atirou-se uma bomba de dinamite que fez estragos no edificio. A' uma hora e um quarto da noite um grande estampido resoou pela parte occidental da cidade. Tinha sido atirada uma bomba de dinamite contra a casa do sr. governador civil do Porto, por mão invisivel. O policia de giro na rua do Principe conta que viu passar um carro por diante da casa do sr. Corrêa de Barros e momentos depois ouvira o ruido como de um tiro de canhão. Ainda correu atraz do carro pela rua do Rosario até á rua da Liberdade, apitando. Mas, o carro tomou uma carreira vertiginosa e sumiu-se para os lados da Restauração. A bomba despedaçou todos os vidros das janellas da casa do sr. goveruador civil. O passeio fronteiro e a rua estavam como que polvilhados de vidro moido! Não é conhecido o autor de tão miseravel attentado. Vão-se praticando ousadias de tal ordem, que o dever da auctoridade é punir—e punir severamente—quem quer que, por meios tão indignos, tenta vencer questões ou caprichos miseraveis.

Não ha agora logar nem a complacencias nem a conciliações: ha apenas para a repressão mais energica e mais severa. Seja qual fôr a posição em que se encontrem as pessoas sobre quem recaiam suspeitas d'esse attentado, que a auctoridade não recue ante a violencia das medidas a adoptar. Ha acima de tudo a garantir a tranquillidade d'esta população ordeira e a manter o prestigio e respeito da auctoridade. Nada de pusilanimidades nem de complacencias. Não ha palavras verdadeiramente severas para classificar um acto d'estes. Chegam a tudo os inimigos da ordem. Mas este estado de cousas é impossivel. Governos fracos não os permittem as circumstancias em que as suas complacencias pozeram o paiz.

A bomba, dizem os peritos, era de finissima dynamite, e se tivesse cahido dentro da casa, fazel-a-hia saltar pelos ares. Foi lançada da boleia de um carro que corria a toda a brida, e que desappareceu entre a rua do Rozario e a da Liberdade.

— Não se realisou por falta de concorrentes o comicio que os grevistas tinham destinado para hontem em Gaya. Appareceram alli os 200 estipendiados, que ganham *no officio* 300 reis por dia, mas os influentes, como viram que eram poucos, dezistiram de se apresentarem como reunião publica. A auctoridade estava alli velando pela sua segurança.

Z.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA D'AVEIRO

Entrada em 24

Hiate *Joven Julia*, de Peniche, vasio.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

E esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRÁDOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O CONSELHO administrativo do referido regimento faz publico que no dia 30 do corrente mez e pelas 11 horas da manhã, procederá á arrematação, para conducção do pão, da estação do caminho de ferro, para o seu quartel.

As condicções acham-se patentes todos os dias nas salas das sessões do mesmo conselho, onde deve ter logar a arrematação.

Quartel em Aveiro, 20 de maio de 1889.

O secretario,

Fortunato Antonio Mendes d'Almeida.

Tenente.

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro, e cartorio do 5.º officio, em virtude de carta precatoria vinda de Estarreja, vae novamente á praça, e por todo o preço, no dia 26 do corrente por 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca:

Uma terra lavradia sita no Val do Tojinho, limite d'Angeja, pertencente aos executados Antonio d'Oliveira Santos e mulher, d'Angeja.

Pelo presente ficam citados quaesquer credores para assistirem á arrematação, querendo.

Aveiro, 20 de maio de 1889.

O escrivão interino,

Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortezão.*

ALUGA-SE

UMA casa com bons commodos na rua do Loureiro, d'esta cidade. Trata-se com Antonio dos Reis Santo-Thyrso, na mesma rua.

HOTEL SERRA

LUZO

O antigo Hotel Serra, de Luzo, melhorou as suas condições, fazendo uma casa nova, d'onde se gozam encantadoras vistas. Ha na nova e antiga habitação excellentes sallas e quartos mobilados de novo—tudo com a maior decencia. Este antigo e acreditado estabelecimento melhorou muito as condições da sua cópa e cosinha, sem alterar os preços uzuaes. Os criados são de toda a fidelidade, o serviço regularissimo, e acha-se já aberto e em serviço effectivo.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e da estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Dregaria Medicinal de Ribeiro Junior.

DOENÇAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

ESTAS CAPSULAS CURAM SEM EXCEPÇÃO OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. 100 CURAS EM 100 DOENTES

Tratados pela Academia.

COMPLEMENTO do tratamento pela

INJECÇÃO RAQUIN

MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO

Exija-se a Assignatura RAQUIN e o Sello official do Governo Francez.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubᵍ St. Denis, PARIS

E TODAS AS PHARMACIAS.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de uuho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Dorgaria Medicinal de Ribeiro Junior.

PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK 1853 — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.* — PARIS 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla* ou *difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. *Blancard*

Pharmacᵉ em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

SILVESTRES

VERSOS DE VIDAL OUDINOT

Está aberta a assignatura n'esta Redacção.

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Snrs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, Phᶜᵒ em PARIS.

CARVALHO & PONS—EDITORES

Rua do Instituto Industrial, 23 a 21

LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

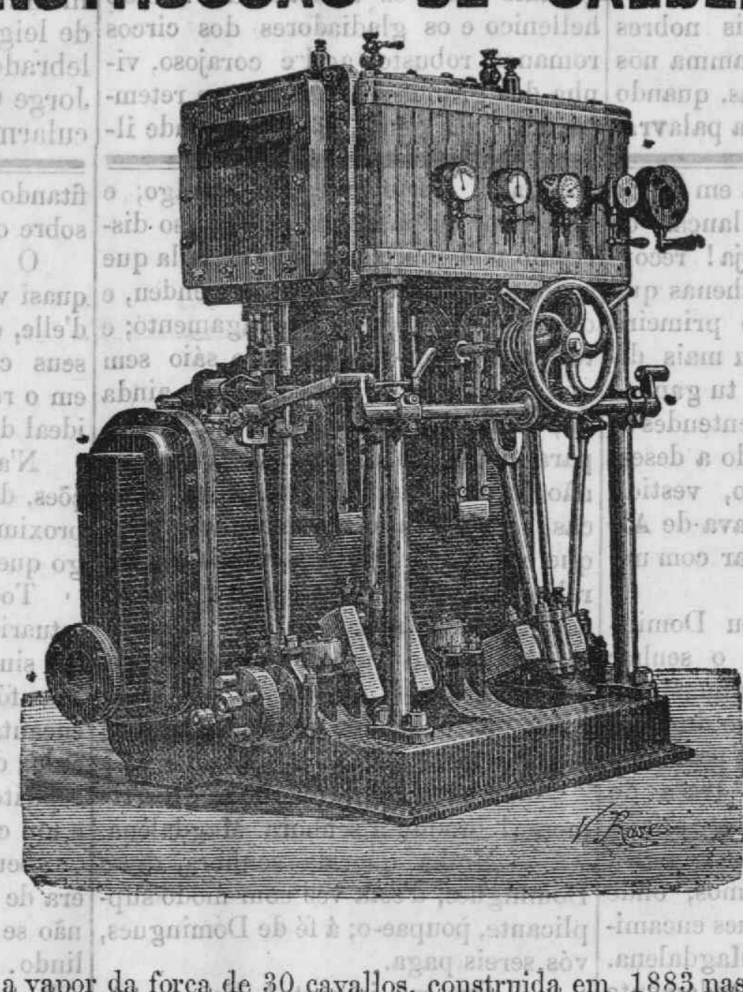
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferrro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

A FORMOSA CONSPIRADORA

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora, paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez son yceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

COLLECÇÃO COMPLETA

Da legislação sobre estabelecimento de cemiterios, enterramentos e trasladações, desde 1835 atè hoje.

Preço 400 reis de cada volume de 112 paginas.

Esta collecção que é de grande importancia para as camaras municipaes, juntas de parochia, irmandades e confrarias, vende-se na «Livraria Archivo Juridico, de A. G. Vieira Paiva, editor, rua do Bomjardim, 67—Porto.

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por Decreto de 27de jhluo de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicado até hoje, incluindo os regulamentos para a serviço dos expostos e abandonados, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo e seguido de um reportorio alphabetico.

Quinta edição. Preço, brochado, 300; encadernado, 460 reis. Pelo correio francs de porte a quem enviar a sua importancio em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores, Clerigos, 89—Porto.

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos.*

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

HISTORIA

DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importannia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archives, alguns dos buaes veem a luz publica pela primeira vez.

N preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1$500 reis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historico-portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 260—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

ANDRE LAURIE

OS EXILADOS DA TERRA

Notavel romance de viagens maravilhosas no genero dos de Julio Verne, com esplendidas illustrações de Jorge Roux. As estampas de pagina, são parte aguarelladas, parte impressas a duas côres.

Cada caderneta, 60 reis—Distribuição semanal. Lisboa e Porto: 60 reis, pagos no acto da entrega.—Provincia: 120 reis de duas em duas semanas, 2 cadernetas.

Pedidos de assignatura pódem ser feitos á Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa, ou á Filial no Porto, 127, Praça de D. Pedro, 1.º andar, assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes da mesma Companhia Nacional Editora.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

OLIVEIRA MARTINS

Portugal nos mares.............. 700

ALFREDO ALVES

Mebaucolia, poezia.............. 700

DR. ANTONIO CANDIDO

O infante D. Henrique, discurso..... 200

EDUARDO COELHO JUNIOR

Retalhinhos—Contos Originaes...... 500

FERNANDES COSTA

O livro das soledades—Echos da Andaluzia.............. 600

ALBERTO PIMENTEL

Atravoz do passado.............. 500

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO